MARTHA MARIA DALLARI

Corrida de rua: um fenômeno sociocultural contemporâneo

Tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Educação

Área de concentração: Cultura, Organização e Educação
Orientadora: Profa. Dra. Kátia Rúbio

São Paulo
2009

FOLHA DE APROVAÇÃO

Martha Maria Dallari

Corrida de rua: um fenômeno sociocultural contemporâneo

Tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Educação

Área de concentração: Cultura, Organização e Educação

Aprovada em

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

No final do século XIX Paul Lafargue mostrou preocupação e desencanto com as mulheres.

> Onde estão aquelas comadres de que falam as nossas fábulas e histórias antigas, atrevidas, sem papas na língua, amantes de um bom trago? Onde estão aquelas mulheres animadas, sempre ativas, sempre cozinhando, sempre cantando, sempre transbordantes de vida e de alegria, parindo sem dores meninos fortes e sadios?... Hoje as moças e as mulheres estão na fábrica, insignificantes flores de cores pálidas, com o sangue sem forças, estômago deteriorado, os membros sem energia!... Nunca conheceram o prazer verdadeiro e não seriam capazes de contar com graça e atrevimento como perderam a virgindade! (LAFARGUE, 2003).

Se tivesse participado de corridas no início do século XXI, certamente seu sentimento seria outro.

Convicta da indiferenciação de gênero, dedico este trabalho às minhas comadres corredoras, que tornam a vida bela!

AGRADECIMENTOS

Agradeço muito ao meu pai, que sempre torceu por mim e me apoiou em todas as minhas “maluquices”, fossem elas atléticas ou acadêmicas. Suas atitudes como referência e fonte de bibliografia, mais uma vez, foram fundamentais!

Também agradeço ao professores Maú e Pedro Dallari, que discutiram várias etapas deste trabalho por quilômetros, na condição de amigos e incentivadores, sem abandonar o rigor acadêmico que lhes é peculiar.

Papel essencial para esta tese teve o Domingos, que me chamou de volta para as corridas quando eu arrefeci no meu entusiasmo. Obrigada!

No mundo das corridas tive três guias. Acácio, que me levou a experimentá-las. Mário Sérgio, que me transformou em maratonista. Miguel, que me mostrou o atletismo de alto rendimento. Meu agradecimento sincero.

Meus colegas de ATC – Associação dos Treinadores de Corrida de São Paulo, em especial os presidentes Claudinho e Nelson, mostraram que existe um mundo onde afeto e fair play correm juntos. Obrigada pela acolhida e pelo convívio!

Ao Julio Deodoro e ao Ivo, ao Zé João, ao Carlão, ao David, Armando, Edgard, Mário Rollo e ao Vasco, personagens centrais da história da corrida de rua no Brasil, muito obrigada pelas muitas horas de conversa, sem reservas.

Tião, sua memória e sua coleção de Contra-Relógio foram muito importantes neste trabalho. Agradeço!

Alexandre, Adriana, Carola, Drigs, Jacyra, Lu, Tânia, Vicente e RobertoS, amigos especiais, que estiveram bem perto ao longo desta tese, deram um apoio indispensável. Obrigada!

À Profa. Kátia Rubio, minha orientadora, peço desculpas. Ao concluir esta tese não encontrei palavras que expressassem meus sentimentos...

I wanna run, I want to hide

I wanna tear down the walls

That hold me inside.

I wanna reach out

And touch the flame

Where the streets have no name.

(WHERE THE STREETS HAVE

NO NAME, U2)

RESUMO

DALLARI, M. M. **Corrida de rua:** um fenômeno sociocultural contemporâneo. 2009. 129 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2009.

Corridas são praticadas há milênios. Nos últimos 30 anos reuniram milhões de praticantes nas ruas do mundo todo. Como outras atividades físicas, passou por transformações ao longo da história. Estas mudanças estão diretamente ligadas a questões da sociedade. A sociedade contemporânea tem duas características principais, a questão da identidade e a globalização. Estes pontos influenciam a visão de corpo, a compreensão de saúde, definem as relações pessoais, o papel das mulheres, os vínculos locais, a incorporação da tecnologia e o empreendedorismo. A Corrida Internacional de São Silvestre incorpora todas as características da sociedade formada nos últimos 30 anos. É um exemplo da ligação entre a corrida de rua e a sociedade. A corrida de rua é um fenômeno sociocultural contemporâneo.

Palavras-chave: corrida de rua. São Silvestre. Fenômeno sociocultural. Contemporâneo.

ABSTRACT

DALLARI, M. M. **Corrida de rua:** um fenômeno sociocultural contemporâneo. 2009. 129 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2009.

People has being running for thousand years. In the last 30 years distance running put toghether million people in streets all around the world. As other physical activities, distance running has gone through changes along History. These changes relate directally to social issues. Contemporary society has two major characteristics, identity and globalization. These points relate on how eaach one sees the human body, health comprehension, personal relationship, women role, the urban ties, uses of technology and entrepreneurship. São Silvestre International Road Race bring togheter all characteristics of society in the last 30 years. It is an example of relation between running and society. Road races are a contemporary phenomenon.

Key words: running. São Silvestre. Sociocultural phenomenon. Contemporary.

LISTA DE TABELAS

		pg
	Capítulo 2	
Tabela 1	Ano de criação das provas	27
Tabela 2	Atletas que concluíram a Corrida Internacional de São Silvestre, a Maratona de Paris e a Maratona de New York entre 1975 e 2005	32
Tabela 3	Provas reconhecidas pela AIMS – Association of International Marathons and Road Races de 1982 a 2005	33
Tabela 4	Número de provas na cidade de São Paulo de 2001 a 2008	34
Tabela 5	Algumas das provas programadas para 2009	35
Tabela 6	Maratona de Berlim: tempo de conclusão em 1987, 1999 e 2007	39
Tabela 7	SP Classic 10 km: tempo de conclusão em 1996, 2001 e 2007	39
Tabela 8	Participação, por gênero, nas maiores maratonas de 2007	41
Tabela 9	Atletas que concluíram a Corrida Internacional de São Silvestre entre 1970 e 2005	42
Tabela 10	Maratona de Boston em 2001: faixas etárias	44
Tabela 11	Maratona de New York em 2000: faixas etárias	44
Tabela 12	SP Classic 10 km em 2007: faixas etárias	45
Tabela 13	Participação de portadores de necessidades especiais em provas da CORPORE de 2002 a 2008	46

		pg
	Capítulo 3	
Tabela 1	Ano de criação das federações	67

Capítulo 5

Tabela 1	Corrida Internacional de São Silvestre em 2008: participação de idosos	109
Tabela 2	Corrida Internacional de São Silvestre em 2008: participação feminina de 1975 a 2005	113

LISTA DE GRÁFICOS

		pg
	Capítulo 2	
Gráfico 1	Participação anual na Maratona de Boston e na Corrida Internacional de São SIlvestre	29
	Capítulo 4	
Gráfico 1	Participação na Corrida Internacional de São Silvestre, na Maratona de Paris e na Maratona de New York	72
Gráfico 2	Provas reconhecidas pela AIMS – Association of International Marathons and Road Races	73

SUMÁRIO

		pg
1	***INTRODUÇÃO***	13
1.1	**APRESENTAÇÂO**	16
1.2	**METODOLOGIA E OBJETIVO**	20
2	***A CORRIDA DE RUA***	22
2.1	**HISTÓRICO DA CORRIDA DE RUA**	22
2.1.1	CORRIDA DE RUA ATÉ 1980	22
2.1.2	NÚMERO DE PARTICIPANTES DEPOIS DE 1980	31
2.1.3	NÚMERO DE PROVAS DEPOIS DE 1980	33
2.1.4	PROVAS PREVISTAS PARA 2009	35
2.2	**CORREDORES**	36
2.2.1	NÍVEL TÉCNICO	38
2.2.2	GÊNERO	40
2.2.3	IDADE	42
2.2.4	TIPO FÍSICO	45
2.2.5	NÍVEL ECONÔMICO	47
2.2.6	FORMAÇÃO DE UM CORREDOR	48
2.3	**LOCAIS DE PRÁTICA**	50
3	***CORRIDA, ESPORTE E SOCIEDADE***	53
3.1	**ATIVIDADE FÍSICA E ESPORTE**	53
3.2	**ESPORTE, QUESTÃO SOCIOCULTURAL**	56
3.3	**HISTÓRIA DAS ATIVIDADES FÍSICAS E DO ESPORTE**	62
3.3.1	ATIVIDADES FÍSICAS ATÉ O SÉCULO XX	62
3.3.2	ESPORTE MODERNO	66
4	***A SOCIEDADE ATUAL***	71
4.1	**CONTEMPORÂNEO, PÓS-MODERNO, SÉCULO XXI**	74
		pg
4.2	**A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**	78
4.2.1	IDENTIDADE, CORPO, SAÚDE, RELAÇÕES PESSOAIS, FEMINISMO	79

4.2.1.1 IDENTIDADE 79
4.2.1.2 CORPO 82
4.2.1.3 SAÚDE 84
4.2.1.4 RELAÇÕES PESSOAIS 87
4.2.1.5 FEMINISMO 90
4.2.2 GLOBALIZAÇÃO, URBANIZAÇÃO, TECNOLOGIA E EMPREENDEDORISMO 93
4.2.2.1 GLOBALIZAÇÃO 93
4.2.2.2 URBANIZAÇÃO 94
4.2.2.3 TECNOLOGIA 96
4.2.2.4 EMPREENDEDORISMO 99

5 A CORRIDA INTERNACIONAL DE SÃO SILVESTRE E A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA 101

5.1 IDENTIDADE 103

5.2 CORPO 105

5.3 SAÚDE 107

5.4 RELAÇÕES PESSOAIS 109

5.5 FEMINISMO 112

5.6 GLOBALIZAÇÃO 114

5.7 URBANIZAÇÃO 116

5.8 TECNOLOGIA 118

5.9 EMPREENDEDORISMO 121

6 *CONSIDERAÇÕES FINAIS* 124

1. INTRODUÇÃO

Em abril de 1998 corri a minha primeira maratona, em Paris, com uma inscrição feita pelo correio dois meses antes do evento. Éramos menos de 18.000 corredores. Para participar da Maratona de Paris, em 6 de abril de 2008, era preciso ter providenciado uma das 35.000 inscrições antes de 19 de novembro de 2007, quando elas se esgotaram. Duas situações, que vivi, bastante distintas, separadas por pouco mais de dez anos.

Em 20 de dezembro de 1996, acatando sugestão de um amigo, providenciei uma inscrição e corri os 15 km da Corrida Internacional de São Silvestre, naquele ano em sua 72ª. edição. Antes da prova recebi uma camiseta, de algodão, com uma imagem alusiva ao evento estampada na frente e uma identificação, pequena, na manga direita, do único patrocinador da corrida, o jornal Gazeta Esportiva. Também me foi entregue um número, minha identificação como corredor, que deveria ser usado em todo o percurso, de maneira visível. Na chegada, como todos os demais concluintes, ganhei uma medalha. Apesar do pouco treino e do desconhecimento da atividade “corrida de rua”, a experiência foi curiosa e ponto de partida para mudanças expressivas na minha vida. Desde então me transformei em uma corredora de longas distâncias assídua, ultramaratonista, graduada em Educação Física pela Universidade de São Paulo.

Participei de corridas de rua em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Santos, Guarujá, Campinas, Praia Grande e Rio Grande, no Brasil, além de Paris, Lisboa, Manchester, Nova York, Chicago e Orlando.

Fui membro do Conselho Gestor do Parque do Ibirapuera no biênio 2004-2005, lugar da cidade de São Paulo que concentra grande número de praticantes de corrida.

Atualmente sou treinadora de corredores e vice-presidente da ATC – Associação dos Treinadores de Corrida de São Paulo.

No dias 12 e 13 de janeiro de 2008 corri o Desafio do Pateta, meia maratona e uma maratona no Walt Disney World, em Orlando. Ainda em 2008, conclui a Meia Maratona da Corpore em São Paulo, a Meia Maratona do Rio de Janeiro e várias provas de 10 km.

Ao longo dos meus anos de corrida encontrei eventos semelhantes, que não podem ser chamados de locais. No entanto, em cada um deles, algumas características são bastante particulares, específicas de cada grupo de corredores. A profusão de aspectos sociais, culturais e comportamentais observados, o número crescente de envolvidos, as transformações na prática, me levaram ao Doutorado na Faculdade de Educação, para estudos teóricos sobre a corrida de rua. Desde o início meu interesse recaiu sobre as características socioculturais desta prática esportiva na atualidade. Questões fisiológicas, anatômicas ou de rendimento e desempenho estão fora do escopo da minha pesquisa. Tampouco faço comparações com outras atividades físicas.

Conforme o projeto apresentado para admissão no Programa de Pós-Graduação em Educação, nesta tese reúno dados e informações para a compreensão das corridas, uma prática esportiva, e, como tal, atividade fortemente associada a valores e estilo de vida da sociedade. O intenso crescimento observado nos últimos 30 anos fundamenta o uso do adjetivo contemporâneo para o fenômeno sociocultural aqui discutido.

Mandell (1984) situa no tempo o aumento do interesse pelo tema esporte ao afirmar que no final do século XX se tornou óbvio que o esporte era uma invenção muito feliz para ser a possessão apenas de atletas de alto rendimento e da indústria à sua volta. Fato é que se desenvolveram pesquisas e estudos sobre o esporte em anos recentes, mas a escassez de trabalhos sobre modalidades específicas, inclusive a corrida de rua, permanece. Esta situação constituiu estímulo adicional para a minha tese.

O fenômeno esportivo contemporâneo, como todos os objetos de pesquisa em ciências humanas, não admite neutralidade por parte do pesquisador: há partidários e adversários, nas palavras de Ardoino e Brohm (BROHM, 1995). Manifesto a minha posição: sou partidária entusiasmada pelo tema. Mantenho um envolvimento bastante profundo com a corrida de rua, nas três categorias possíveis de relacionamento de acordo com a classificação proposta pelos autores: institucional, na medida em que participo ativamente na defesa do uso do espaço público para a prática da corrida e na disseminação de informações sobre a prática; ideológico, quando, junto com outros profissionais, trabalho na definição de condutas para a atividade e cuido da formação de novos corredores e maratonistas; e libidinal, uma vez que a prática da corrida é a minha opção preferencial no meu tempo livre.

Em suma, neste trabalho busco a compreensão de um fenômeno social contemporâneo, a corrida de rua, com o qual estou profundamente envolvida há mais de dez anos. Acredito válida e, portanto, sigo, a sugestão de Maffesoli (2005), de investigar causas, a finalidade racional e também o jogo dos afetos, o aspecto factual dos ambientes e a memória coletiva associadas à corrida, elemento constitutivo da vida cotidiana de milhares de pessoas ao redor do mundo.

1.1. APRESENTAÇÃO

Nesta tese demonstro que corrida de rua é um fenômeno sociocultural contemporâneo. Eventos de caráter esportivo, as corridas carregam muitos significados. Pessoas se deslocam, nacional e internacionalmente, treinam por vários meses, adotam hábitos rigorosos de alimentação e de repouso, se privam de outras práticas no seu tempo livre, para correr. A competição existe, reúne milhares de pessoas, ainda que a possibilidade de vitória exista para alguns poucos. Empresas produzem equipamentos, organizam eventos, prestam serviços, patrocinam atletas e provas. Cabe então estudar a corrida de rua como forma de expressão da sociedade nos dias de hoje, marcada por uma multiplicidade de valores e de hábitos, por transformações drásticas e rápidas, que se vale do apoio intensivo da tecnologia, sobretudo para a disseminação de informações e para deslocamentos, como fenômeno sócio-cultural. Compreender as corridas contribui para a compreensão do nosso tempo.

Inicialmente, no capítulo “Corrida de rua” estão descritos aspectos específicos desta atividade. Para compor um quadro completo, inicio com a história das corridas, em duas fases: do final do século XIX, quando correr deixou de ser a atividade de mensageiros apenas, para constituir uma prática competitiva, até 1980, quando se disseminou a prática, e o período que abrange os últimos 30 anos, quando foram criadas corridas ao redor do mundo, com um número cada vez maior de inscritos. A seguir apresento as características dos corredores: nível técnico, gênero, idade, tipo físico, nível econômico e o processo de formação de um corredor. Discuto também

os locais de prática. O capítulo fundamenta a identificação das corridas como um fenômeno recente, pelo crescimento acelerado e pela abrangência atual.

A pertinência do estudo do esporte levando em consideração seus aspectos socioculturais, já foi desenvolvida por vários autores. Elias, Dunning, Ardoino, Brohm e Caillat se ocuparam desta questão, inclusive afirmando não ser o esporte atividade supra-histórica e nem trans-histórica. Suas idéias estão expostas no capítulo "Corridas, esporte e sociedade", que traz também a história das atividades físicas e do esporte.

Importante mencionar que o adjetivo contemporâneo se refere ao período de cerca de 30 anos, iniciado no final da década de 1970. O recorte temporal se baseia nos escritos de vários autores. Hobsbawn e Judt identificam rupturas e transformações posteriores, conseqüência dessas mudanças. Aí estão os fundamentos da sociedade atual, era designada por Hall como modernidade tardia. O mesmo período é chamado por Maffesoli de pós-modernidade. Lipovetsky identifica duas fases distintas nas décadas em questão, a pós-modernidade e a hipermodernidade. A discussão destes autores está no capítulo "A sociedade contemporânea".

Uma vez definido o objeto de trabalho, o fenômeno corridas de rua nos anos posteriores a 1975, e justificada a abordagem sociocultural, apresento aspectos relevantes da sociedade contemporânea, características que permitem, fortalecem e subsidiam a prática das corridas de rua. Não se trata de estabelecer uma relação causal, de sentido único, mas sim de compreender a corrida como uma atividade compatível com os valores e anseios de uma sociedade com transformações profundas ainda recentes. Questões como corpo, saúde, gênero, identidade, relações sociais e profissionais, urbanização, globalização e avanços tecnológicos

são discutidas teoricamente. Ainda no capítulo “A sociedade contemporânea” apresento colocações de Maffesoli, Lipovetsky, Weineck, Hall, Brunner, Giddens, Hillairet, Gasparini, Friedman, Hobsbawn e Judt.

Em “A Corrida Internacional de São Silvestre e a sociedade contemporânea” analiso uma prova específica, a São Silvestre, diante dos pontos abordados pelos autores mencionados, notadamente aspectos sociais, culturais e de organização, demonstrando sua identidade com o tempo presente. O objetivo é verificar a compatibilidade existente entre características do mundo atual e uma prática específica de atividade física.

Ao longo de todo o trabalho teço considerações sobre eventos no Brasil e ao redor do mundo, incorporo fatos da minha vivência como corredora e treinadora, experiências de outros corredores, de organizadores de provas e uso a literatura disponível.

Na elaboração desta pesquisa fiz uma série de entrevistas que muito contribuíram para que eu pudesse resgatar a história recente da corrida de rua. A Fundação Casper Líbero, através de seu superintendente Júlio Deodoro, corredor, envolvido com a organização e a realização da Corrida Internacional de São Silvestre desde 1979, apresentou fatos marcantes da história da prova em longa conversa e disponibilizou seus arquivos, utilizados com o apoio da equipe da Gazeta Esportiva. José João da Silva, corredor de provas de pista e depois de rua, vencedor da São Silvestre em 1980 e 1985, um dos primeiros brasileiros a participar de provas de longa distância fora do país e atualmente organizador de corridas pelo Brasil, prestou um depoimento da sua história. Carlos Ventura, treinador de José João da Silva e de outros atletas brasileiros que obtiveram projeção internacional, inclusive como participantes de Jogos Olímpicos, também foi ouvido. Tive ainda o apoio da

Corpore – Corredores Paulistas Reunidos, através de seu presidente David Cytrynowicz e dos diretores Armando Cunha Santos, Edgard José dos Santos e Mario Rollo Ribeiro, todos eles corredores, que além de apresentaram e comentarem a história da entidade, disponibilizaram dados de provas. Clube de corredores fundado em 1982, envolvido diretamente com o desenvolvimento da atividade no Brasil, a Corpore teve papel relevante na disseminação da atividade corrida de rua em São Paulo. Ainda, Manuel Arroyo, conhecido como Vasco, maratonista, organizador das primeiras provas de rua no Brasil, introdutor de avanços tecnológicos nas provas, atualmente responsável pela organização da Corrida Internacional de São Silvestre, da Meia Maratona do Rio de Janeiro e pela Maratona Internacional de São Paulo, também foi ouvido para que fosse possível o resgate da história e a composição de um quadro apontando a evolução na prática da modalidade nos últimos 30 anos.

Ainda, utilizei informações de sites das várias corridas e organizações envolvidas com a atividade, como a IAAF, International Association of Athletics Federation e a AIMS, Association of International Marathons and Road Races.

Para encerrar, teço considerações sobre o crescimento recente e as perspectivas futuras da corrida de rua, numa sociedade marcada por transformações profundas e rápidas. Não pretendo apontá-la como metáfora do mundo. Na condição de pesquisadora, praticante de corridas de rua, profundamente envolvida com a atividade, julgo pertinente e necessário o estudo da modalidade em seus aspectos sociais e culturais. Esta tese está justificada pelas palavras de Mandell (1984, p. 330).

> Todo o movimento de atividade física, onde os corredores de longa distância são a manifestação mais visível, mantém o seu momentum. Mas nós ainda estamos perto demais dele para ter produzido

> literatura sólida. Claramente, há muito espaço para reflexão e estudo.[1]

Meu objetivo é compreender e explicar algumas razões da forma e fascínio atuais da corrida de rua e seu relacionamento com aspectos da sociedade.

1.2. METODOLOGIA E OBJETIVO

"Corrida de rua: um fenômeno sociocultural contemporâneo" é o título desta tese. A corrida pedestre, atividade milenar, se transformou em esporte no século XX. Prática corporal, teve um aumento visível em seu número de praticantes em várias cidades do mundo nos últimos anos. A caracterização desta modalidade está feita no capítulo 2, "A corrida de rua", a partir de informações e dados de corridas e de organizadores de provas.

No capítulo 3, "As corridas, esporte, sociedade" apresento formas diferentes de corridas, desde a Grécia Antiga até anos recentes. A justificativa para as mudanças está no conhecimento dos vínculos entre esporte e sociedade. A discussão teórica sobre esta associação e a história do esporte, evidência da ligação, estão no mesmo capítulo, elaborado a partir e trabalhos teóricos.

A seguir, no capítulo 4, "A sociedade contemporânea", são apresentados aspectos marcantes da transformação da sociedade nos últimos 30 anos, período de disseminação da prática das corridas de rua. A exposição das características sociais dos tempos atuais é feita pela reunião de escritos teóricos.

---

[1] Tradução da autora

No capítulo 5 associo as questões relevantes para a sociedade contemporânea à Corrida Internacional de São Silvestre, prova disputada há 84 anos na cidade de São Paulo. Não se trata de explicar as razões da forma atual, mas de compreender o processo intenso de transformação da competição nos últimos anos, decorrente do fato de ser o esporte um tema sociocultural. Para o conhecimento da prática de corridas na cidade de São Paulo e da São Silvestre, além da minha experiência pessoal como participante da prova, contei com depoimentos de pessoas envolvidas com a corrida de rua.

Nas considerações finais comento a incorporação de aspectos da sociedade pela corrida em época recente. Uma prática esportiva moldada pela sociedade, que atende anseios desta mesma sociedade, como se pode verificar do cotejo entre as características socioculturais e a São Silvestre nos últimos anos.

O objetivo desta tese é buscar compreender a corrida de rua e seu crescimento em anos recentes. Para tanto, depois de identificado o objeto de análise, foram apresentadas as razões para sua transformação. Evidenciados os vínculos entre a prática esportiva e o momento histórico, tratei das características da sociedade no final do século XX e início do século XXI. Para comprovar a tese tracei paralelos entre a sociedade e uma corrida tradicional, transformada em anos recentes, a Corrida Internacional de São Silvestre.

2. A CORRIDA DE RUA

Nesta tese apresento a corrida de rua, uma atividade esportiva, como um fenômeno sociocultural contemporâneo. Isto significa estabelecer associações entre a modalidade e sua forma de prática no presente e valores e aspectos da sociedade nos dias atuais. Para que isto seja possível, neste capítulo trato da delimitação e apresentação do objeto de estudo: há um breve relato da história das corridas de rua, observações sobre as provas de longa distância nos últimos anos, uma apresentação dos corredores e considerações quanto aos locais de prática. Muitas das informações se referem a competições, as provas que reúnem milhares de atores em vários lugares do mundo e que norteiam as atividades de grande parte dos praticantes.

2.1. HISTÓRICO DA CORRIDA DE RUA

2.1.1. CORRIDA DE RUA ATÉ 1980

Pessoas correm há muitos séculos. A evidência mais antiga da existência dessa prática está na representação esquemática de dois corredores em um vaso da civilização micênica do século 16 a.C. (YALOURIS, 2004).

Ao longo do tempo a corrida se transformou e hoje podemos falar em corridas, formas distintas de prática de uma mesma atividade física. As distâncias percorridas variam de 100 metros a mais de 100 quilômetros, com barreiras, com obstáculos, em revezamento, em terreno acidentado. Todas estas corridas são modalidades do atletismo.

O objeto desta tese é um segmento específico do atletismo: a corrida de rua ou corrida de longa distância, percursos de distâncias variadas, freqüentemente entre 10 e 42,2 km, uma maratona. A IAAF, International Association of Athletics Federations, órgão de regulamentação do atletismo mundial, estabelece como medidas padrão 10 km, 15 km, 20 km, meia maratona (21.095 m), 25 km, 30 km, maratona (42.198 m) e 100 km. Como indica a classificação da modalidade, esta atividade usualmente não é praticada em estádios ou pistas permanentes e exclusivos para o esporte. Estas corridas acontecem em ruas, parques e estradas, espaços públicos no mais das vezes. Isto significa que não é possível isolar corredores para a sua prática: para a atividade é preciso compartilhar estes lugares com seus usuários habituais ou então privá-los de suas rotas cotidianas.

De acordo com Noakes (1991) as corridas pedestres modernas têm origem nos mensageiros, gregos e romanos inicialmente, depois na Grã-Bretanha, por volta do ano 1000 e no restante da Europa e na Turquia a partir do século XV. No final do século XVIII, com a melhora nas condições das estradas as notícias deixaram de ser transportadas a pé e os mensageiros se tornaram corredores. Mandell (1984) apresenta outra versão para o surgimento das corridas a pé na Inglaterra. Os primeiros corredores seriam os “footmen”, empregados que, no século XVI, iam, a pé, na frente e ao lado das carruagens, para conduzir os cavalos de modo a evitar

grandes buracos e troncos caídos e para segurá-las em caso de oscilações perigosas e que perderam suas funções com as melhorias nas estradas.

Efetivamente eventos com corridas pedestres se desenvolveram gradualmente na Grã Bretanha e se consolidaram no século XVII, com distinção entre corredores profissionais e amadores. Os primeiros vinham das classes trabalhadoras e participavam de competições patrocinadas por pubs tradicionais. Segundo Hargreaves (1986) as cervejarias eram pólos de organização da classe trabalhadora, e serviam para reuniões de sindicatos e de grupos políticos e também como locais de apostas, para corridas, lutas e outros jogos. Corredores amadores praticavam nas “public schools”, instituições de ensino secundário, para jovens entre 10 e 16 anos, onde, na segunda metade do século XIX, se formou a nova classe dirigente inglesa. A velha aristocracia proprietária de terras e a burguesia emergente do processo de industrialização usaram a cultura esportiva para manifestar e colocar em prática os termos de sua aliança. Eton foi, provavelmente, a primeira escola britânica a introduzir formalmente o atletismo entre seus alunos, em 1837, logo seguida por Oxford e Cambridge (NOAKES, 1991).

Lunzenfichter (2003) assinala que em 1837 foi organizada a primeira corrida de fundo com classificação e medida de tempo, de 84 km, entre Londres e Brighton. Provas de 40 km foram realizadas em Stamford Bridge em 1881 e também na Hungria, Noruega e Grécia nos últimos anos do século XIX. Há relato de duas provas de 50 km na Itália em 1894.

Mas o marco fundamental na história das corridas de rua foi a maratona dos Jogos Olímpicos de Atenas, em 10 de abril de 1896. Pierre de Fredy, barão de Coubertin, presidente da USFSA (Union des Sociétés Françaises de Sports Athlétiques) desde 1891, apresentou em 1894 seu projeto de restabelecimento dos

Jogos Olímpicos (HACHE, 2000). E acatou proposta de Michel Bréal, filólogo francês, de criação de uma corrida em homenagem a Phidippides[2], o hemerodromo[3] encarregado de levar a mensagem da vitória dos gregos sobre os persas em 490 a.C., de Maratona a Atenas, que morreu, esgotado, assim que cumpriu sua missão. A prova, de 40 km, adquiriu uma significação extraordinária: representava o vínculo da celebração moderna com os tempos heróicos. Uma prova de verdade, sem possibilidade de contestação de resultado, apoteose para o programa olímpico. (LUNZENFICHTER, 2003).

Em 19 de julho do mesmo ano aconteceu a primeira maratona francesa, 40 km entre Paris e Conflans, disputada por 191 dos 282 inscritos. Em 20 de setembro de 1896 o New York Knikerbocker Athletic Club organizou uma corrida de 25 milhas (pouco mais de 40 km).

Desde então se realizaram muitas provas de cerca de 40 km. Entre outras, a Maratona de Boston, idealizada por John Graham, dirigente da equipe dos Estados Unidos nos Jogos Olímpicos de Atenas de 1896. Disputada anualmente a partir de 1897, a maratona sofreu uma única interrupção, em 1918, quando, em função da 1ª Guerra Mundial, foi substituída por um revezamento entre equipes formadas por militares. Em abril de 2008, 21.948 pessoas concluíram a 112ª edição da Maratona de Boston, que teve 15 corredores na sua edição inicial.

Inspirada na maratona dos Jogos Olímpicos de Paris, em 1924, foi criada na Eslováquia a Maratona de Kosice, a maratona mais antiga da Europa. Em sua primeira edição, disputada em uma estrada, com a chegada na cidade, contou com 8

---

[2] Vários autores, em épocas distintas, narram o feito do mensageiro com a notícia da guerra em Maratona, mas o apresentam com nomes distintos. Entre eles, além de Phidippides, Thersippos, Euklis e Philipiddes.

[3] “o que corre todo dia”, isto é, o mensageiro (YALOURIS, 2004, p. 188)

corredores. Em 2007, 499 atletas concluíram o percurso, 42,195 km percorridos na zona urbana.

No Brasil também existiam provas pedestres no início do século XX, realizadas de forma esporádica. Casper Líbero, jornalista de A Gazeta, inspirado numa prova noturna francesa, instituiu a prova que se tornaria a mais tradicional do atletismo brasileiro, a Corrida de São Silvestre. Disputada pela primeira vez em 31 de dezembro de 1925, com largada às 23:40 h, classificou 60 atletas. Chegaram ao final da 83ª Corrida Internacional de São Silvestre, em 31 de dezembro de 2007, 16.327 participantes.

Sem perder suas características essenciais, ao longo do século XX as corridas passaram por muitas transformações. A maratona, inicialmente identificada com a distância aproximada de 40 km passou a ser associada a exatamente 42.195 metros. Nos Jogos Olímpicos de 1908, realizados em Londres, a chegada da maratona deveria acontecer no White City Stadium, diante do camarote real. Entre este ponto e a largada, a ser dada no Castelo de Windsor, a distância seria de exatamente 26 milhas ou 41,840 km. Atendendo a uma solicitação feita à última hora pela rainha o inicio da corrida foi transferido para um terraço no lado leste do castelo, de onde poderia ser visto pelas crianças reais em seus aposentos. A mudança representou um acréscimo de 385 jardas à distância inicialmente estabelecida. O intervalo de 42.195 m foi oficializado pela IAAF – International Amateur Athletic Federation (hoje International Association of Athletics Federations) em 1921 e não mais se alterou.

A Corrida de São Silvestre, inicialmente disputada apenas por brasileiros, passou a ser a Corrida Internacional de São Silvestre em 1945, quando pela primeira

vez admitiu corredores sul-americanos. Desde 1947 aceita inscrições de atletas do mundo todo.

Em 1947 foi criada a Maratona de Fukuoka, no Japão, em 1948 a Maratona de Twente, na Holanda. Em 1970 a Maratona de New York foi disputada pela primeira vez. Stramilano, a meia maratona (21.095 m) de Milão estabeleceu-se em 1972. As maratonas de Berlim, Paris, Chicago e Londres foram criadas em 1974, 1976, 1977 e 1981 respectivamente.

Tabela 1 – Ano de criação de provas

Ano	Prova
1897	Maratona de Boston
1924	Maratona de Kosice
1925	Corrida de São Silvestre
1947	Maratona de Fukuoka
1970	Maratona de New York
1972	Stramilano
1974	Maratona de Berlim
1976	Maratona de Paris
1977	Maratona de Chicago
1981	Maratona de Londres

Elaborada a partir de dados de AIMS – Association of International Marathons and Road Races e Lunzenfichter (2003)

Noakes (1991) apresenta uma justificativa para o forte aumento do número de provas ao afirmar que os anos entre a década de 1970 e 1985 correspondem ao período das mudanças mais profundas da história da corrida, um tempo em que

correr se transformou de um passatempo de alguns excêntricos em uma atividade central apreciada e entendida por milhões ao redor do mundo.

Cabe aqui ressalvar que a expansão da prática incorporou novos corredores, que passaram por um processo gradual e longo de capacitação. Assim, ficou preservado o fascínio pela maratona, vista como a "prova máxima" entre as corridas de longa distância, normalmente possível de ser realizada pela primeira vez depois de mais de um ano de treinos. Rosa Motta, corredora portuguesa da década de 80, 6 vezes consecutivas vencedora da Corrida de São Silvestre (1981 a 1986), 1ª colocada na Maratona de Boston em 1987, 1988 e 1990, medalhista de ouro na maratona nos Jogos Olímpicos de Seul em 1988, ao concluir sua primeira maratona, em 1982 em Atenas, disse "[...] comecei a prova como simples corredora, terminei-a como maratonista." [4] (LUNZENFICHTER, 2003, p. 269). Entre os corredores este sentimento é recorrente.

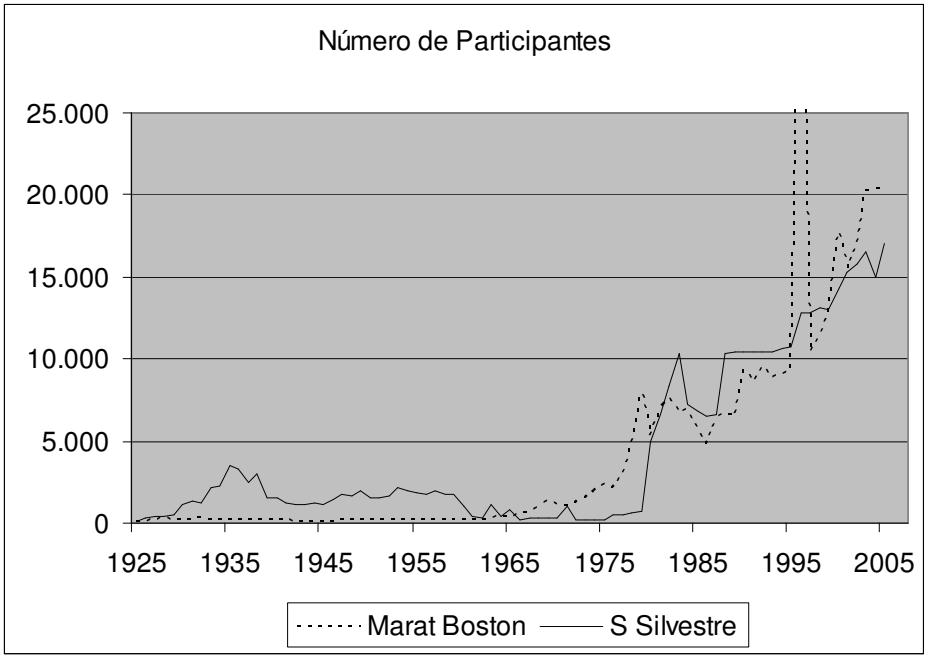
Importante verificar que o aumento do número de corridas foi acompanhado do crescimento no número de corredores em cada prova. No gráfico abaixo, referente ao período entre 1925 e 2005, podemos confirmar, a partir de 1975, o incremento acelerado no número de participantes da Maratona de Boston e da São Silvestre, que hoje limitam suas inscrições a 25.000 e 20.000 atletas, respectivamente. A ressalvar apenas o número de corredores na Maratona de Boston em 1996, quando, em comemoração ao seu centenário, foram aceitos, excepcionalmente, 38.708 atletas[5].

---

[4] Tradução da autora

[5] Para participar da Maratona de Boston é preciso comprovar ter corrido uma maratona abaixo de determinado tempo, definido em função de gênero e idade. Na 100ª edição esta exigência foi suspensa.

Gráfico 1 – Participação anual na Maratona de Boston e na Corrida Internacional de São Silvestre



Elaborado a partir de dados do jornal Gazeta Esportiva e www.bostonmarathon.com.

Não se pode desprezar o papel da Maratona de New York na disseminação do hábito da corrida de longa distância. Entre 1970 e 1975 a prova foi disputada em várias voltas, sem extrapolar os limites do Central Park. Em 1976 foi incluída nas comemorações do bicentenário da independência americana, com um novo percurso, atravessando todos os cinco bairros da cidade. A participação dos principais atletas dos Estados Unidos como torcedores e a presença de Frank Shorter, medalhista de ouro da maratona dos Jogos Olímpicos de Munique em 1972 e, depois, medalha de prata da maratona dos Jogos Olímpicos de Montreal em 1976, chamaram a atenção dos corredores e do público para o evento (LUNZENFICHTER, 2003). O interesse não se esgotou na edição de 1976. Naquele ano terminaram a Maratona de New York 1.548 pessoas; em 2007 foram 38.557

atletas. Atualmente a prova reúne mais de um milhão de pessoas ao longo do percurso apoiando os corredores.

O final da década de 1970 assistiu também à transformação da Corrida Internacional de São Silvestre. No início dos anos 1970 a prova era pouco conhecida. Em 31 de dezembro de 1973, perto das 11 horas da noite, um funcionário da Cantina Nova Roma, na rua Pamplona, recebeu a incumbência de entregar uma pizza a um médico plantonista do Hospital Matarazzo. Ficou surpreso quando quis atravessar a avenida Paulista e foi impedido por um policial, que lhe explicou que havia uma prova e que ele deveria esperar a passagem dos corredores. O entregador, que pouco antes havia chegado de Pernambuco para cursar uma faculdade, quis saber mais informações sobre a corrida, para ele, até então, totalmente desconhecida[6].

Até 1979 a participação de brasileiros não era livre. Para se inscrever era necessário ter-se classificado em uma prova seletiva ou ser representante de um dos estados do país. Apenas atletas estrangeiros não sofriam restrições. Cruzaram a linha de chegada, em 1979, 586 dos 608 inscritos. Novos organizadores da corrida, em 1980, determinaram que fossem aceitas as inscrições, pagas, de todos os interessados: 4.839 pessoas.

A 56ª edição da São Silvestre teve, além do aumento expressivo no número de participantes, a vitória de um brasileiro, o que não havia acontecido nos 34 anos anteriores. José João da Silva, o entregador de pizza em 1973, foi o 1º colocado em 1980 e 1985, ficou em terceiro lugar em 1981 e 1982 e foi vice campeão em 1984, o que contribuiu fortemente para a divulgação e o entusiasmo pela prova. Na década

[6] Relato de José João da Silva em entrevista à autora.

de 1980 passaram a ser confeccionadas camisetas alusivas à São Silvestre para os inscritos e distribuídas medalhas àqueles que concluíssem o percurso.

Os dados apresentados e os fatos narrados acima fundamentam a definição de um corte na história das corridas de rua. Até o final da década de 1970 tivemos um período de crescimento e consolidação da atividade. Nas palavras de Noakes (1991), a década correspondeu a um crescimento exponencial da corrida. As informações sobre número de participantes e de eventos e a localização destes permitem tratar as corridas como um fenômeno dos últimos 30 anos.

2.1.2. NÚMERO DE PARTICIPANTES DEPOIS DE 1980

A análise dos dados iniciais identifica o crescimento da corrida de rua a partir da década de 1970. No entanto, a atividade continuou em expansão, tendência que pode ser comprovada tanto pelo aumento no número de participantes de provas como pelo crescimento no número de eventos.

Como exemplos da evolução no número de corredores no período 1975 - 2005, podemos usar a Corrida Internacional de São Silvestre, em São Paulo, a Maratona de Paris (desde 1976) e a Maratona de New York, realizadas anualmente. Duas ressalvas devem ser feitas aos dados apresentados. Inicialmente, cabe esclarecer que existe um número máximo de inscrições para cada uma das provas, o que significa que nem todos os interessados participam de cada edição. As 35.000 inscrições para a Maratona de Paris programada para o dia 6 de abril de 2008 se esgotaram em 19 de novembro de 2007. Ainda, referente aos corredores da

Maratona de New York entre 1980 e 2005, foram incluídos apenas aqueles que concluíram o percurso em até 6 horas, tempo considerado suficiente pelas organizações responsáveis pela regulamentação do atletismo mundial, ainda que a prova não imponha limite.

Tabela 2 – Atletas que concluíram a Corrida Internacional de São Silvestre, a Maratona de Paris e a Maratona de New York entre 1975 e 2005

Ano	Corrida Internacional de São Silvestre	Maratona de Paris	Maratona de New York
1975	242	126 (1)	334 (2)
1980	1.402	5.274	12.476
1985	2.186	7.726	15.657
1990	5.320	9.110	22.990
1995	7.758	16.200	25.554
2000	12.897	27.596	27.752
2005	13.421	28.857	33.957

Elaborada a partir de dados do jornal Gazeta Esportiva, www.parismarathon.com e www.nycmarathon.org.
(1) dados de 1976
(2) em até 5 horas, conforme regulamento da prova

Como as provas internacionais, as corridas disputadas na cidade de São Paulo na década de 1990 também tiveram aumento nos participantes. A prova SP Classic, de 10 quilômetros, realizada anualmente em São Paulo, contou com 1.306 corredores em 1996. Na edição de 2007 foram 8.416 os concluintes. A Maratona Pão de Açúcar de Revezamento, disputada por equipes de 2, 4 ou 8 corredores, que contou com 1.010 atletas em sua primeira edição, em 1993, recebeu mais de 30.000 pessoas em 2004.

2.1.3. NÚMERO DE PROVAS DEPOIS DE 1980

Outro indicador do crescimento da atividade no mundo é o número de provas. No período de 25 anos entre 1982 e 2006 mais de 2.500 corridas foram realizadas sob os cuidados de membros da AIMS – Association of International Marathons and Road Races, entidade que tem entre seus objetivos trocar informação e conhecimento sobre a organização de corridas de longa distância. Os dados apresentados a seguir reforçam a tese da demanda crescente por este tipo de evento e impedem que se considere o aumento de participantes resultante da inexistência de alternativas para a prática das corridas.

Tabela 3 – Provas reconhecidas pela AIMS – Association of International Marathons and Road Races

Ano	No. de provas
1982	34
1985	47
1990	86
1995	115
2000	137
2005	218

Elaborada a partir de dados de AIMS – Association of International Marathons and Road Races

Cabe evidenciar que as corridas de rua não dependem da aprovação e do reconhecimento por parte da AIMS. Seus membros buscam apoio para a realização, na maioria das vezes, de grandes eventos. Por exemplo, das 218 provas

mencionadas no ano de 2005, 3 foram realizadas na cidade de São Paulo [7]. Mas, de acordo com a Federação Paulista de Atletismo, que acompanha as corridas de rua no estado de São Paulo, em 2005 foram 174 eventos. Isto é, os números apresentados acima indicam uma tendência de crescimento sem incluir todas as provas. As maiores, em número de participantes e em distância, estão consideradas.

O incremento no número de corridas de rua realizadas no estado de São Paulo, em anos recentes, está na tabela abaixo.

Tabela 4 – Número de provas na cidade de São Paulo

Ano	Número de provas
2001	11
2002	17
2003	34
2004	107
2005	166
2006	178
2007	195
2008	231

Elaborada pela Folha de São Paulo a partir de dados da FPA – Federação Paulista de Atletismo

[7] Estão incluídas a Meia Maratona de São Paulo, a Maratona de São Paulo e a SP Classic.

2.1.4. PROVAS PREVISTAS PARA 2009

Ainda, com base em uma seleção das corridas previstas para o primeiro semestre de 2009, é possível afirmar que a prática das corridas de rua está disseminada pelo mundo todo.

Tabela 5 – Algumas das provas programadas para 2009

Data	Prova	País
3/1/2009	Maratona Internacional de Xiamen	China
16/1/2009	Maratona de Dubai	Emirados Árabes Unidos
18/1/2009	Maratona de Mumbai	Índia
25/1/2009	Maratona Internacional de Khon Kaen	Tailândia
25/1/2009	Maratona Internacional de Marrakech	Marrocos
8/2/2009	Maratona de Hong Kong	Hong Kong
22/2/2009	Maratona da Cidade de Sevilha	Espanha
22/2/2009	Maratona Internacional de Kuala Lumpur	Malásia
22/2/2009	5ª Maratona Internacional de Lahore	Paquistão
8/3/2009	Meia Maratona da Cidade de Kyoto	Japão
22/3/2009	Meia Maratona de Lisboa	Portugal
22/3/2009	Maratona de Roma	Itália
26/3/2009	Meia Maratona de Jerusalem	Israel
5/4/2009	Maratona de Paris	França
5/4/2009	Maratona de Rotterdam	Holanda
5/4/2009	Meia Maratona e Maratona de Santiago	Chile

19/4/2009	Maratona de Camberra	Austrália
26/4/2009	Maratona de Cracóvia	Polônia
3/5/2009	Maratona Internacional de Vancouver	Canadá
10/5/2009	Maratona Internacional de Praga	Republica Checa
24/5/2009	Maratona de Edimburgo	Escócia
24/5/2009	Maratona de Copenhagen	Dinamarca
30/5/2009	Maratona de Stockholm	Suécia
21/6/2009	Maratona de Quito	Equador
27/6/2009	Maratona Paavo Nurmi	Finlândia

Elaborada a partir de dados de www.aims-association.org.

Em resumo, há evidências para se considerar a corrida de rua como um fenômeno contemporâneo. Apesar de existir há muitos séculos, nos últimos 30 anos as corridas tiveram um aumento expressivo no número de praticantes, em vários eventos, em diversos locais do mundo. Para a compreensão deste fenômeno, entre outras questões, faz-se necessário conhecer seus adeptos.

2.2. CORREDORES

Os principais agentes das corridas de rua são os corredores. Ao longo de todo este trabalho são assim designadas pessoas que praticam a corrida habitualmente em espaços abertos, no mínimo três vezes por semana e que participam ou buscam participar de competições. Não são sujeitos deste estudo aqueles que praticam a corrida apenas em esteiras e os que correm sozinhos, como

parte de suas atividades físicas, sem compartilhar com outros o hábito. Atletas que atuam exclusivamente em pistas também desenvolvem uma atividade distinta daquela aqui discutida. É importante destacar que pessoas que aparecem em corridas, fantasiadas ou portando cartazes, apenas para serem vistas, não são consideradas corredores nesta tese.

A língua inglesa estabelece termos distintos para fazer referência aos dois primeiros tipos de praticantes de corridas mencionados acima: os primeiros são chamados “runners”, os outros são identificados como “joggers”. Nas palavras do Barão de Coubertin apenas os primeiros estão envolvidos com o esporte, que tem por essência o esforço e como condimento indispensável o concurso (CAILLAT, 1996).

No caso das corridas de rua a competição tem características específicas. O tempo utilizado para percorrer cada distância varia bastante entre os diversos praticantes. Para correr 10 km, alguns levam menos de 30 minutos, enquanto outros precisam de mais de 90 minutos. Enquanto o recorde de maratona é hoje poucos minutos superior a 2 horas, organizadores de provas usualmente esperam corredores na linha de chegada por até 6 horas depois da largada. Assim, entre os participantes de uma prova, o termo competir assume diferentes significados: pode ser correr percursos mais longos, pode ser reduzir o tempo necessário para uma determinada distância ou ainda fazer menos esforço para terminar um trajeto, acompanhar um amigo, além do significado tradicional, chegar na frente dos demais concorrentes.

Poucas são as pessoas que têm algum impedimento para a prática de corrida. Nível técnico e econômico, gênero, idade, tipo físico não excluem

interessados na atividade. A seguir apresento dados que apontam a inexistência de um padrão para corredores de longas distâncias.

2.2.1. NÍVEL TÉCNICO

Algumas corridas de rua oferecem prêmios em dinheiro para os primeiros colocados. A imensa maioria dos participantes, no entanto, paga por sua inscrição, consciente da impossibilidade de receber recompensa material vultosa por seu desempenho. Usualmente as gratificações são uma camiseta alusiva ao evento pela inscrição e uma medalha pela conclusão do percurso proposto.

Esta é uma característica específica da atividade: participam lado a lado pessoas de todas as condições físicas. Diferentemente de esportes praticados em campos, pistas ou quadras, que limitam o número de competidores e estabelecem padrões para reunir atletas, nas corridas de rua não há segregação.

Vanderlei Cordeiro de Lima, medalhista da maratona nos Jogos Olímpicos de Atenas participou de edições da Corrida de São Silvestre e de maratonas no Japão ao lado de milhares de corredores anônimos. Stefano Baldini, medalha de ouro na mesma prova participou, entre outras, da Maratona de New York em 2007, onde havia mais 40.000 inscritos.

Merece destaque o fato que as várias reduções no melhor tempo de maratona nos últimos anos têm sido acompanhadas por um aumento no número de corredores com resultados pouco expressivos em relação às melhores marcas. Os dados da Maratona de Berlim apontam esta tendência.

Tabela 6 – Maratona de Berlim: tempo de conclusão em 1987, 1999 e 2007

Ano	1º colocado	Total de Participantes	Abaixo de 4:00:00	
			No.	%
1987	2:11:00	12.672	9.877	77,9
1999	2:06:44	19.129	11.018	57,6
2007	2:04:26	32.486	15.599	48,0

Elaborada a partir de dados de www.real-berlin-marathon.com

Também nas provas mais curtas a tendência é a presença de um número crescente de corredores com resultados distantes daqueles dos primeiros colocados. Como exemplo, os 10 km da São Paulo Classic. Em 2003, 68% dos participantes concluíram o percurso em menos de uma hora. Na edição de 2007 este percentual reduziu-se para 56%.

Tabela 7 – SP Classic 10 km: tempo de conclusão em 1996, 2001 e 2007

Ano	1º colocado	Total de Participantes	Abaixo de 1:00:00	
			No.	%
1996	0:29:30	1.306	1.171	89,6
2001	0:29:34	4.504	3.247	72,1
2007	0:29:35	8.401	4.730	56,3

Elaborada a partir de dados da Revista Contra Relógio e www.corpore.org.br.

Os dados acima evidenciam o sentido de competir específico das corridas de rua: os participantes das provas evidentemente não estão preocupados em obter as primeiras colocações. Ambas as tabelas mostram que parte expressiva dos

corredores, em proporção crescente, conclui o percurso em tempo bastante superior aos primeiros colocados.

2.2.2. GÊNERO

A participação feminina nas corridas é fenômeno recente. No início do século XX, de acordo com Noakes (1991), acreditava-se que mulheres não eram fisicamente adaptadas para a excitação e o esforço proporcionados pelas competições. Especificamente quanto a corridas, a exclusão das mulheres nas provas longas ficou respaldada pelos fatos ocorridos em Amsterdam em 1928. Atendendo a apelos da FSFI, Federação Esportiva Feminina Internacional, fundada em 1921, incluiu-se nos Jogos Olímpicos daquele ano a disputa de 800 metros, ao final dos quais cinco competidoras desmaiaram (LUNZENFICHTER, 2003).

A partir de 1960 a corrida de 800 metros voltou a fazer parte das competições olímpicas femininas e despertou o interesse das mulheres pelas corridas de longa distância.

Apenas em 1972 a AAU, Amateur Athletics Union, órgão regulamentador do atletismo nos Estados Unidos, autorizou a participação feminina em maratonas. No mesmo ano mulheres foram admitidas oficialmente na Maratona de Boston. Nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984, foi disputada pela primeira vez a maratona feminina.

Diferente do início do século XX, hoje as mulheres participam de provas, inclusive maratonas, ao redor do mundo e, em alguns casos, representam mais de 50% dos corredores.

Tabela 8 – Participação, por gênero, nas maiores maratonas de 2007

Local	Participantes	Homens	Mulheres
Berlim	32.530	80,0%	20,0%
Boston	20.338	60,8%	39,2%
Chicago	28.815	58,8%	41,2%
Hamburgo	16.482	80,5%	19,5%
Honolulu	20.692	51,7%	48,1%
Londres	35.667	69,5%	30,5%
Los Angeles	20.016	63,6%	36,4%
New York	38.557	67,5%	32,5%
Orlando	10.936	52,8%	47,2%
Paris	26.880	83,7%	16,3%
Roma	12.027	84,8%	15,2%
San Diego	15.958	48,4%	51,6%
Stockholm	12.370	77,4%	22,6%
Tsukuba	10.169	85,7%	14,3%
Washington	20.679	61,0%	39,0%

Fonte: AIMS - Association of Internacional Marathons and Distance Races

Também a Corrida de São Silvestre, por 50 anos, foi um evento exclusivamente para homens. Apenas em 1975, ano declarado pela ONU, Organização das Nações Unidas, como o Ano Internacional da Mulher, a prova

passou a admitir a inscrição e verificar a classificação de mulheres. Desde então a participação feminina é crescente.

Tabela 9 – Corredores que concluíram a São Silvestre de 1970 a 2005

Ano	Homens	Mulheres	Total
1970	256	-	256
1975	230	12	242
1980	1.305	97	1.402
1985	1.922	264	2.186
1990	4.864	456	5.320
1995	7.199	559	7.758
2000	11.986	911	12.897
2005	11.600	1.821	13.421

Elaborada a partir de dados do jornal Gazeta Esportiva

Atualmente, em algumas ocasiões, acontecem corridas apenas para homens ou só para mulheres. Na maioria das provas, todos competem juntos. Em resumo, pode-se afirmar que para a participação das corridas de longa distância a questão de gênero é irrelevante.

2.2.3. IDADE

Para participar de corridas de longa distância não há restrição de idade. Samuel Wanjiru foi o primeiro colocado da Maratona de Fukuoka em 2007, o segundo na Maratona de Londres e medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de

Beijing, em 2008, antes dos 22 anos de idade. Fred Lebow, o idealizador da Maratona de New York, comemorou seus 60 anos de idade disputando a prova, em 1992. Ron Hill, campeão de maratona nos Jogos da Commonwealth em 1970, em pouco mais de duas horas, exatamente 2:09:28, participou de meia maratona nas Ilhas Faroe, em 2008, para atingir sua meta de correr em 100 países diferentes até dos 70 anos de idade. John Kelley completou a Maratona de Boston 58 vezes, a primeira em 1933 e a última em 1992, aos 84 anos de idade.

Não são apenas pessoas com resultados esportivos destacados em fases anteriores da vida que participam de provas de longa distância ao envelhecerem. A Maratona de New York divulga a idade da mulher e do homem mais velhos que completaram a prova em 2007: 85 e 86 anos, nomes desconhecidos como atletas de alto rendimento.

A observação do número de concluintes de cada faixa etária permite dizer que todas elas estão representadas[8]. Como exemplos, temos a Maratona de Berlim de 2001, a Maratona de New York e a SP Classic, de 10 km, em 2007.

[8] Organizadores de maratona geralmente exigem idade superior a 18 anos.

Tabela 10 – Maratona de Boston em 2001: corredores por faixa etária

Idade	Homens	Mulheres	Total
até 19 anos	23	17	40
20 a 29 anos	1.148	1.287	2.435
30 a 39 anos	2.798	1.956	4.754
40 a 49 anos	3.071	1.263	4.334
50 a 59 anos	1.314	267	1.581
60 a 69 anos	258	31	289
70 a 89 anos	18	-	18

Elaborada a partir de dados de www.bostonmarathon.com.

Tabela 11 – Maratona de New York em 2007: corredores por faixa etária

Idade	Homens	Mulheres	Total
18 a 19 anos	74	32	106
20 a 29 anos	2.881	2.558	5.439
30 a 39 anos	8.206	4.438	12.644
40 a 49 anos	9.101	3.745	12.846
50 a 59 anos	4.483	1.427	5.910
60 a 69 anos	1.166	308	1.474
70 a 89 anos	160	26	186

Elaborada a partir de dados de www.nycmarathon.org.

Tabela 12 – SP Classic 10 km em 2007: corredores por faixa etária

Idade	Homens	Mulheres	Total
até 19 anos	65	26	91
20 a 29 anos	1.279	474	1.753
30 a 39 anos	2.222	649	2.871
40 a 49 anos	1.905	513	2.418
50 a 59 anos	811	177	988
60 a 69 anos	211	33	244
70 a 89 anos	34	2	36

Elaborada a partir de dados de www.corpore.org.br.

A inexistência de exigência rigorosa quanto a resultados elimina restrições pela idade e contribui para a participação simultânea de diferentes gerações em um mesmo evento.

2.2.4. TIPO FÍSICO

Da mesma forma que não existe um padrão de desempenho entre os corredores de rua, não se pode falar em um tipo físico único para as corridas. Em geral, pessoas de pouco peso levam vantagem, apesar de para as provas mais longas ser necessária alguma reserva energética.

Portadores de necessidades especiais, como amputados e deficientes visuais são vistos com freqüência entre os praticantes. Em 1983 foi fundado The Achilles Track Club em New York, uma organização não-lucrativa internacional, com o

objetivo de encorajar pessoas com qualquer deficiência física a participar de corridas de longa distância. Com ramificações em mais de 100 países atualmente, sua ação consiste em compartilhar conhecimento técnico, inclusive treinos, com os interessados. Na maratona de New York, em 2007, teve mais de 200 representantes.

A Corpore, responsável pela organização de várias provas em São Paulo e no Brasil, desde 2004 cuida de estabelecer condições adequadas à participação de todos. Além de classificar os corredores em diferentes grupos, de acordo com suas restrições (deficiência auditiva, visual, intelectual, amputados e cadeirantes, entre outros), tem um programa de formação e treinamento de guias, pessoas preparadas para acompanhar aqueles que têm necessidades especiais e querem correr, ao longo de todo o percurso. O resultado desta ação pode ser avaliado pela tabela abaixo.

Tabela 13 – Participação de portadores de necessidades especiais em provas da Corpore de 2002 a 2008

Ano	**Novos participantes**	**Total acumulado de participantes**
2002	31	31
2003	8	39
2004	13	52
2005	28	80
2006	66	146
2007	135	281
2008 (1)	42	323

Fonte: Corpore – Corredores Paulistas Reunidos
(1) até novembro

A norma publicada pela Confederação Brasileira de Atletismo, órgão responsável pelos eventos oficiais da modalidade esportiva no país, para a homologação e reconhecimento de corridas de rua, evidencia a situação especial dos deficientes físicos nesta atividade. Em documento de janeiro de 2008 a entidade estabelece regras para a participação de portadores de necessidades especiais, depois de fazer constar que o desporto para pessoas nestas condições é regulado e dirigido por entidades específicas. Isto é, simultaneamente reconhece não ser sua alçada a atividade física para deficientes físicos e estabelece o tratamento a ser dado aos portadores de necessidades especiais nas corridas de rua.

2.2.5. NÍVEL ECONÔMICO

Um corredor não tem necessidade de despender muito dinheiro em equipamentos. Em sua maior parte, os treinos se desenvolvem em áreas públicas e ruas. A vestimenta necessária não se alterou ao longo do tempo: um short, uma camiseta e um par de tênis bastam. Isto significa que o nível econômico não é impedimento à prática de corrida.

As inscrições em provas têm preços variados. Para participar da edição de 2009 da Maratona de Paris, dependendo da data da inscrição, o valor fica entre € 55 e € 85. Uma inscrição para a Maratona de Boston em 2009 custa entre US$ 110 e US$ 200. A Corrida Internacional de São Silvestre em 2008 teve inscrições no valor de R$ 80 e a SP Classic, em novembro de 2008, R$ 40. Em praticamente todas as provas cada inscrição corresponde a uma camiseta do evento e uma medalha na

chegada. Além disso, organizadores de prova oferecem guarda-volumes para os inscritos, água e atendimento médico de emergência no percurso. Cada vez são mais freqüentes shows de música durante ou ao final das provas. Como há limitação do número de participantes, estes diferenciais servem como justificativa para preços mais elevados.

Isto é, para correr os custos são reduzidos. Para participar de provas as exigências são maiores, é preciso pagar inscrição e, em alguns casos, passagens e hospedagens. Na escolha das corridas e na definição da quantidade e local dos eventos o nível econômico é fator determinante.

2.2.6. FORMAÇÃO DO CORREDOR

Para podermos compreender a corrida de rua é preciso conhecer o processo de formação de um corredor. Ainda que aprender a correr seja comum nos primeiros anos de vida, este processo não é suficiente para que as pessoas sejam capazes de participar de uma corrida de longa distância, o que exige esforço contínuo por períodos raramente inferiores a meia hora.

A preparação para as corridas de rua é individualizada e depende de fatores como nível de consciência corporal, histórico do desenvolvimento motor, prática acumulada de atividade física, hábitos posturais e equilíbrio. De acordo com Bompa (2002) o treinamento envolve o desenvolvimento físico, fatores técnicos, fatores táticos, aspectos psicológicos, fatores ligados à saúde, prevenção de lesões. É preciso atingir um nível elevado de capacidade respiratória e de resistência e força

muscular, aprimorar a coordenação e a flexibilidade, desenvolver estratégias para suportar períodos longos de esforço. A repetição sistemática do exercício promove as transformações estruturais e fisiológicas necessárias. A fadiga, que compromete as habilidades técnicas e táticas, é decorrência do dispêndio de energia, inversamente proporcional ao nível técnico do corredor.

Se a formação de um corredor depende de muita prática, a demanda por tempo e espaço é elevada. A duração de cada sessão de corridas depende da disponibilidade, disposição, ritmo e objetivos do corredor. No princípio, para que o corpo adapte-se ao exercício, são necessárias sessões de cerca de uma hora, o que inclui um tempo de preparação além da prática propriamente dita. Esta rotina deve acontecer no mínimo três vezes por semana. Na medida em que um corredor evolui, a necessidade de tempo aumenta: tanto a freqüência como a duração dos treinos crescem. São comuns práticas de até 3 horas. Como decorrência, a busca de espaços variados se torna uma necessidade. Praticar 5 horas por semana em um percurso curto (uma pista de atletismo oficial mede 400 metros) pode significar passar mais de 500 vezes por mês por um mesmo lugar. Uma esteira pode ser usada ocasionalmente, mas não serve para a maior parte dos treinos, uma vez que não guarda semelhança com o que acontece nas provas, realizadas em espaços abertos, com muitas pessoas próximas uma das outras. Mudanças de piso e de relevo também são necessárias ao bom condicionamento.

Ainda, segundo Bompa (2002), muitos são os aspectos comportamentais associados à prática da corrida. A disciplina, a paciência, a tolerância ao esforço, o envolvimento e a perseverança são indispensáveis ao corredor: o avanço é possível pela adaptação do organismo ao esforço, um processo gradual que se não for respeitado provoca lesões. Cabe lembrar que o menor tempo para a conclusão de

uma maratona são 2 horas, façanha para poucos. O corredor exercita também a tolerância às condições do ambiente, uma vez que uma atividade executada ao ar livre está sujeita a frio, calor, chuva, vento.

2.3. LOCAIS DE PRÁTICA

Poucos são os corredores profissionais. A grande maioria dos praticantes o faz como atividade lúdica, fora dos horários de trabalho. A corrida em sua forma atual está identificada com as práticas de tempo livre, incorporadas ao cotidiano dos centros urbanos a partir da revolução industrial, no final do século XIX. Assim, o mais comum é encontrar corredores logo no começo do dia ou então ao final da tarde, antes ou depois de sua jornada profissional. Mas não há restrição quando ao horário de prática. O fato da atividade ser exercida em ruas, avenidas, parques e praias, espaços abertos, públicos, reduz barreiras existentes quando se opta por outras práticas de tempo livre, como esportes que exigem equipes e adversários, campos ou quadras, e espetáculos que exigem salas especiais.

A utilização de espaços abertos impede o controle sobre as condições ambientais. Sol, chuva, poluição, frio, calor, umidade e falta de umidade do ar influenciam o desempenho dos corredores e exigem adaptações. Através de mudanças nos trajes, alterações nos horários e escolhas de percurso os praticantes buscam minimizar os problemas causados pelas situações climáticas adversas.

As provas de rua envolvem um preparo especial da área a ser utilizada. São eventos privados na maioria das vezes realizados em espaços públicos. Assim, os

organizadores instituem uma inscrição, necessária para aqueles que quiserem participar da corrida. Há sempre um limite máximo de corredores, número estipulado pelos responsáveis pela competição.

O tempo necessário para percorrer qualquer das distâncias habituais em corridas de rua (entre 5 e 42,2 km) impede que a utilização das vias públicas seja breve e exige o concurso dos órgãos responsáveis pelo uso destes espaços, como por exemplo, departamentos de trânsito. Várias são as corridas que reúnem milhares de participantes nas vias das grandes cidades do mundo, o que torna a duração destes eventos ainda mais longa. Na Meia Maratona do Rio de Janeiro, que contou com a participação de pouco menos de 12.000 corredores em outubro de 2008, o tempo decorrido entre o começo da prova do primeiro e do último corredor foi de 20 minutos. A Corrida Internacional de São Silvestre, que contou com mais de 16.000 corredores em 2007 e a Maratona de New York, com 38.000 em 2007 apresentam a mesma situação.

A realização das corridas de rua em percursos abertos torna cada uma das provas peculiar. As condições climáticas, sol, chuva, vento, umidade alteram radicalmente a performance de cada um dos corredores. Um exemplo: a Maratona de Chicago que em 1999 começou com temperatura de 0° C, teve que ser interrompida em 2007 devido ao calor e umidade extremos. Nas palavras de Pinkowski, o diretor da prova por 17 anos, encerrar a corrida mais cedo do que o previsto inicialmente foi a decisão mais difícil de ser tomada em sua carreira de organizador de corridas. Para a competição de 2008 a principal providência adotada foi a colocação de bandeiras de cores diferenciadas pela cidade nos dias que antecederam e durante a corrida. Bandeira verde era sinal de boas condições, em caso de bandeira amarela os corredores deveriam se precaver, vermelha apontava

condições de temperatura e umidade do ar inconvenientes para a prática de corrida e a bandeira preta indicaria a suspensão da prova. Também, ao longo do percurso foram instalados quadros de mensagens com as condições meteorológicas. Isto é, independente do corredor ter treinado por longos períodos (em muitos casos, vários meses), ter viajado, inclusive de outros países, poderia ser impossível participar da disputa, por motivos incontroláveis.

A reunião dos aspectos discutidos ao longo deste capítulo permite conhecer a atividade objeto deste trabalho. Muitas corridas de rua surgiram nas últimas três décadas, com aumento contínuo de participantes, ao redor do mundo. Não há padrões para os corredores. Condições técnicas ou econômicas, idade, gênero, tipo físico não estabelecem restrições para a participação. No entanto, a formação de um corredor é um processo longo, que exige uma série de adaptações físicas e psicológicas. A impossibilidade de prática em ambiente restrito e controlado é também característica importante das corridas de rua.

3. CORRIDA, ESPORTE E SOCIEDADE

No capítulo anterior ficou evidenciada a transformação da corrida de rua em anos recentes. O aumento no número de praticantes, participantes de várias provas, no mundo todo, está concentrado nos últimos 30 anos, a partir do meio da década de 1970, depois de milênios de existência de corredores. Para a compreensão da transformação, do crescimento e da disseminação da atividade nestes anos cabe a discussão das diferentes formas de práticas físicas ao longo do tempo. Neste capítulo apresento a diferenciação entre atividade física e esporte, suas histórias e também discussões teóricas a respeito de seu vínculo com aspectos das diferentes sociedades.

3.1. ATIVIDADE FÍSICA E ESPORTE

Algumas atividades atualmente identificadas como esporte estão presentes em várias culturas. Entre elas, a corrida, com formas distintas de prática, em sua existência milenar. De acordo com Mandell (1999) os períodos da história do esporte que foram devidamente estudados são a Grécia clássica, a Inglaterra no século XIX, a América do Norte recente e os Jogos Olímpicos modernos. Temos descrições de corridas em todos estes momentos.

Aspectos dos trajes dos corredores gregos estão descritos por Yalouris (2004, p. 176). “Os corredores geralmente corriam descalços. Nos tempos mais

antigos, eles vestiam uma espécie de túnica longa [...], que posteriormente foi abandonada".

No século XIX a corrida nas ruas da Inglaterra era atividade apreciada apenas por alguns, segundo relato de Hargreaves (1987, p.51). "Em 1866 era possível a um homem ser preso e condenado in Bolton, por correr nas ruas, sob a acusação de 'indecência', por mostrar suas pernas".[9]

Em relatório sobre 25 anos de corridas de rua, a AIMS, associação internacional de organizadores de provas de longa distância, menciona manifestação de solidariedade prestada por corredores em Berlim, recebida com apreço pelos maratonistas em New York.

> Mostrando seu respeito pelas vítimas dos ataques de 11 de setembro em New York e Washington, corredores da Maratona de Berlim seguraram uma enorme bandeira antes do começo da prova em 30 de setembro de 2001. Nela estava escrito 'unidos, nós corremos' e mostrava os logos das corridas de Berlim e New York. [...] A bandeira foi então mandada para New York e ficou estendida no chão próximo à largada da Maratona de New York, na ponte Verrazano Narrows, em 4 de novembro.[10] (AIMS, p. 42).

Muitos são os relatos de feitos nas maratonas de Jogos Olímpicos. Uma situação várias vezes mencionada é a chegada emocionante de uma concorrente, sem chance de medalha, no limite se suas forças.

> [...] foi preciso esperar 5 de agosto de 1984 para que vários milhares de telespectadores assistissem, diretamente de Los Angeles, a agonia da maratonista suíça Gabrielle Andersen-Schiess durante a primeira prova olímpica consagrada às mulheres.[11] (LUNZENFICHTER, 2003, p. 75)

Importante destacar que Mandell (1999) utiliza o termo "esporte", apesar de reconhecer a inadequação do uso para as práticas ritualizadas e competições da

[9] Tradução da autora.
[10] Tradução da autora.
[11] Tradução da autora.

Grécia antiga e também para outras atividades anteriores aos anos 1900. Este autor explica que a palavra, originalmente do francês medieval, foi utilizada pelos ingleses por séculos, inicialmente para tratar apenas de caçadas e corridas de cavalos. No século XX, com a generalização de competições e concursos pelo mundo, o uso em inglês foi ampliado e a denominação foi apropriada por outras línguas, dando origem a substantivos, adjetivos e verbos.

Caillat (1996) explica a origem da palavra como contribuição para a compreensão do objeto. “Desport” e a variação “deport” eram usadas na língua francesa no século XII para mencionar uma maneira de estar do corpo, prazer, distração. No século XIV foi incorporada ao vocabulário inglês, inicialmente como “disport” e depois “sport”, sinônimo de passatempo. Em setembro de 1854 foi publicado pela primeira vez um jornal denominado “Sport” na França.

Estes relatos evidenciam a necessidade de ressalvas no uso do tratamento “esporte” para práticas corporais antigas. “[...] podemos dizer que o esporte existe desde sempre se o assimilamos a toda atividade física e ginástica, mas depois de bem poucos anos se analisamos suas funções e sua filosofia através dos tempos.” [12] (CAILLAT, 1996, p. 16).

Apesar de conhecida a impropriedade do termo esporte para atividades anteriores ao final do século XIX, Mandell (1999), Hargreaves (1987) e Hobsbawn (2006), entre outros autores, usam-no na discussão de práticas físicas em todos os tempos. Em seus trabalhos sobre a história de competições e rituais envolvendo pessoas, inclusive as corridas, a palavra “esporte” é recorrente. Para diferenciar as atividades mais recentes, desenvolvidas a partir de pressupostos e condições definidas nos primeiros anos 1900, tratam-nas por “esporte moderno”.

[12] Tradução da autora.

Assim, seguindo os autores citados, ao longo deste trabalho o termo “esporte” será usado algumas vezes também para designar práticas físicas e competições compreendidas entre 700 a. C. e o final do século XIX. Quando necessário, nas discussões a respeito de práticas do século XX, virá acompanhado do adjetivo “moderno”.

3.2. ESPORTE, QUESTÃO SOCIOCULTURAL

A discussão a respeito do nome a ser dado ao conjunto de práticas corporais e competições desenvolvidas em locais e períodos diferentes da história reflete sua dinâmica. Não há uma identidade absoluta, não se pode tratá-las como um processo contínuo. Em cada momento, questões culturais determinaram sua forma, como se pode depreender da história das atividades físicas e do esporte.

No entanto a visão do esporte como questão sócio-cultural é recente. Por vários anos os debates de temas esportivos estiveram afeitos apenas às ciências biológicas, ligados aos trabalhos sobre o funcionamento do corpo humano. Especialmente depois da 2ª Guerra Mundial assuntos como princípios de treinamento, manipulações biológicas, biomecânica, nutrição e táticas atraíram a atenção de acadêmicos e pesquisadores envolvidos com o sujeito “esporte”. Apenas na década de 1960 o esporte transformou-se em objeto de investigação também para os estudiosos da sociedade.

Elias, um dos precursores da sociologia do esporte, justifica seu trabalho afirmando que o objetivo da investigação científica “é tornar conhecida qualquer

coisa previamente desconhecida para os seres humanos" (ELIAS e DUNNING, 1992). Em suas primeiras formulações sobre a pertinência de estudos sobre o esporte e em vários de seus trabalhos tratando da questão, Elias contou com apoio e colaboração de Dunning. Sua argumentação em defesa de investigações sociológicas para o entendimento do fenômeno esportivo, então inexistentes, é bastante categórica: "Tínhamos a profunda consciência de que a compreensão do desporto contribuía para o conhecimento da sociedade" (ELIAS e DUNNING, 1992).

Um dos pontos fundamentais abordados por Elias e Dunning foi a diferenciação entre as práticas mais antigas e os esportes originários da Inglaterra, que se propagaram para outros países no início do século XX. Em épocas passadas as atividades corporais e os jogos ou tinham uma forma ritual ou atendiam um desejo de enfrentamento comunitário e festivo. A partir da revolução industrial instalou-se uma nova forma de tratar o tempo, construída, individual, em oposição ao tempo da natureza, que é coletivo. Nas cidades, no início dos anos 1900, o trabalho determinava a prioridade no uso do tempo: os ciclos da natureza foram substituídos pela divisão entre o tempo destinado ao trabalho e o tempo do não-trabalho. Este último, denominado "livre", destina-se a uma série de ocupações. Entre as alocações do tempo livre estão a administração familiar, o repouso, as necessidades biológicas e a sociabilidade. E também o lazer, um fenômeno das sociedades, uma contramedida "em oposição às tensões do *stress* que elas próprias criam" (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 69).

Esta nova configuração do tempo estabeleceu novos papéis para o esporte e o espetáculo esportivo, formas específicas de recreação, onde o esforço físico desempenha o principal papel. Sua função principal passou a ser ativar formas de excitação agradáveis e sua atribuição secundária, permitir às populações

sedentárias das sociedades urbanas e industrializadas a prática de atividades físicas. Isto é, o esporte, uma prática corporal socialmente limitada e controlada, instituída ao final do século XIX, momento de alterações nas relações de trabalho, promove a destruição da rotina, permite o despertar das emoções em público, necessidades da sociedade então nascente.

De acordo com Dunning (ELIAS e DUNNING, 1992) a inexistência de pesquisas e reflexão sociológica sobre o esporte até a metade do século XX foi determinada por sua associação aos aspectos negativos da vida, segundo as convenções. Longe de trabalho, espírito, seriedade e econômico, esporte se identificava com lazer, corpo, prazer e não-econômico. No entanto, o esporte reproduz uma série de contradições das relações sociais, como o convívio da competição com a cooperação, do conflito com a harmonia, que o credenciam como um laboratório para a análise destas relações. Ainda, no tratamento das dicotomias da sociedade, o esporte proporciona a identificação de coletivos, ao distinguir quem pertence e quem está fora de um grupo e ao evidenciar linhas divisórias entre grupos. Em resumo, Dunning afirma que na organização, no controle, na observação e na prática de esporte estão reproduzidas configurações da sociedade.

Cabe destacar que Dunning identificou a alteração no papel do esporte ao longo do tempo.

> [...] o desporto se tem transformado, por todo o mundo, de instituição marginal e pouco valorizada em instituição central e muito mais valorizada, uma instituição que para muitas pessoas parece ter um significado religioso ou quase religioso, na medida em que se tornou uma das principais, senão *a* principal, fonte de identificação, significado e gratificação das suas vidas. (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 299).

Ardoino e Brohm (1995), críticos dos papéis do esporte na sociedade moderna, apontam a necessidade do conhecimento da história quando se busca a

compreensão do esporte, que não pode ser considerado uma “idéia pura”. Existe lugar para o estudo da constituição e alterações das modalidades esportivas, em cada local, sua emergência a partir de práticas físicas competitivas ou não, sagradas ou profanas, folclóricas, populares, militares etc. Todos estes aspectos explicam um esporte, mas não levam ao conhecimento dele. É preciso verificar suas origens e as transformações nas regras, na prática, nos participantes para efetivamente compreendê-lo e poder discutir seu sentido e sua permanência. Em síntese, afirmam que o esporte é uma produção histórica, um processo dialético, que gera e supera continuamente suas contradições.

O esporte que surgiu no final do século XIX, inicialmente na Inglaterra, que se difundiu pela Europa e depois pelo planeta, com a mundialização dos mercados, das comunicações, das trocas econômicas e sobretudo das organizações esportivas é chamado “moderno” por Ardoino e Brohm (1995). Suas características são as do momento histórico de seu nascimento, a era capitalista-industrial: medida de performance, recordes, princípio de rendimento, busca de produtividade e de eficácia, tecnologização total do corpo, regulamentação burocrática, competição generalizada, espetacularização massiva e mercantilização galopante (das práticas esportivas tratadas como mercadorias ou relações entre mercadorias).

Para a compreensão do esporte, objeto complexo do conhecimento, com dimensões micro, meso e macro social (ARDOINO e BROHM, 1995) são imprescindíveis a observação e a descrição de suas particularidades, componentes, linhas de força e articulações naturais. Explicam Ardoino e Brohm (1995) que para produzir conhecimento sobre o esporte moderno são necessários estudos da psicologia individual, das relações entre indivíduos, dos grupos, das instituições e sociedades globais envolvidas e das relações entre estes aspectos.

Entre as referências teóricas para pesquisas envolvendo o fenômeno esportivo contemporâneo, afirmam ser o esporte uma empresa capitalista que produz campeões, bens, equipamentos, artigos, serviços e espetáculos. Ainda, evidenciam podermos ligar o esporte às questões do imaginário: o espetáculo esportivo e os atletas alimentam uma visão mítica do mundo. Em síntese, sem o conhecimento da sociedade não é possível compreender o esporte, na visão de Ardoino e Brohm (1995).

Da análise das proposições acima ficam evidentes duas formas de desenvolvimento de estudos associando sociedade e esporte. Brohm (2006) sintetiza suas divergências metodológicas em relação a Elias e Dunning.

> [...] quando Norbert Elias e Eric Dunning afirmam que eles tinham "consciência de que o conhecimento do esporte é a chave do conhecimento da sociedade", eles invertem a ordem necessária da investigação: é de fato o conhecimento da sociedade – de suas estruturas, de suas lógicas de ação, de seus processos evolutivos – que é a chave do conhecimento do esporte. É o conhecimento do todo ou do continente que permite fundamentalmente o conhecimento da parte ou do conteúdo.[13] (BROHM, 2006, p.12)

Não cabe aqui tomar partido quanto a uma ou outra forma de investigação. Não há como estabelecer como prioridade o conhecimento da sociedade para a compreensão do esporte e nem definir, a partir da análise de práticas esportivas, características da sociedade. Mas, a partir das discussões apresentadas, é incontestável a existência de vínculos entre esporte e sociedade.

Outros autores, como Hall (2005) e Hobsbawn (2006), apontam o fenômeno esportivo inserido e dependente de um quadro de relações sociais. Hall (HARGREAVES, 1986, p. xi) considera pertinentes estudos que discutam tanto a relação orgânica entre esporte e questões sociais mais amplas e também as tensões

[13] Tradução da autora

e prazeres intrínsecos à sua busca como atividade social. Hobsbawn reforça a pertinência de estudos associando a sociedade e o esporte, “uma das novas práticas sociais mais importantes do nosso tempo” (HOBSBAWN, 2006, p.306).

Para Gasparini (2003) o espetáculo esportivo e os eventos esportivos, independente de sua escala, destacam relações econômicas e ideológicas que superam o engajamento apenas em uma atividade física. A abordagem sociológica é contribuição indispensável para a compreensão do funcionamento formal e informal das organizações esportivas. E mais: as organizações esportivas funcionam como laboratórios que permitem melhor compreender a talvez antecipar o comportamento das organizações sociais em geral e de seus atores em fenômenos centrais da vida social, como a integração de indivíduos em projetos comuns.

Em resumo, para os autores acima mencionados, a compreensão de atividades físicas como andar, correr e nadar, que sempre fizeram parte da vida do homem, está ligada ao conhecimento de questões mais amplas, afeitas à sociedade. Elias e Dunning (1992) e Ardoino e Brohm (1995) fundamentam a discussão do esporte como uma questão sociocultural, o que justifica suas variadas características e práticas em diferentes momentos e lugares. A história das atividades físicas e do esporte apresentada a seguir ilustra esta colocação.

3.3. HISTÓRIA DAS ATIVIDADES FÍSICAS E DO ESPORTE

3.3.1. ATIVIDADES FÍSICAS ATÉ O SÉCULO XX

Entre os gregos, que criaram os Jogos Olímpicos em 776 a.C., os exercícios físicos seguiam ritos agonísticos e religiosos. Os objetivos, fortalecer os corpos e preparar a defesa das cidades. E também vivenciar momentos de trégua no estado permanente de guerra. As competições eram celebradas em honra a uma divindade ou faziam parte dos cultos fúnebres a um herói ou então estavam associadas a festas agrárias. Nos Jogos Olímpicos os homens livres participantes deviam prestar juramento diante da estatua de Zeus e, pela beleza e força físicas, buscavam aproximar-se dos deuses (CAILLAT, 1996).

O avanço do império romano suspendeu temporariamente os jogos gregos. Na retomada, surgiram espetáculos grandiosos, onde a preferência do público recaia sobre as lutas, inclusive com animais ferozes. A nova religião da época, o cristianismo, também contribuiu para o cerceamento das práticas corporais. Através de um édito do ano de 393 d.C. o imperador romano Teodósio proibiu todas as festas pagãs, entre elas, as disputas esportivas (YALOURIS, 2004).

Na Idade Média se praticavam jogos, de maneiras diferentes, conforme o país ou região. Segundo Caillat (1996) os nobres participavam de torneios violentos, sem regras, pelos campos e vilas até o século XIII. Outras práticas, como lutas e jogos com raquete, reuniam nobres e gente do povo, na França, até o final do século XIV.

De acordo com Hargreaves (1987), na Inglaterra, nos anos 1600, os puritanos atacaram passatempos rudes como futebol e briga de galo. Mas seus esforços para coibir tais práticas, apreciadas pelas camadas populares da população, geraram poucos resultados.

Ao final o século XVII e início do século XVIII o desenvolvimento do capitalismo contribuiu para o fim do paternalismo e do clientelismo: o dinheiro substituiu relações de favorecimento, a indústria, o comércio e as novas formas de emprego reduziram os vínculos dos mais pobres com a nobreza e os proprietários de terra. Nestas condições a cultura popular floresceu, o que incluiu renascimento de esportes populares. Corridas pedestres, batalhas entre “exércitos” se desenvolviam nas ruas. O mercado de apostas, controlado por aristocratas, apresentou forte crescimento e foi decisivo para o fortalecimento de atividades esportivas: determinou a profissionalização de jogadores de cricket e de jóqueis, atraiu público para feiras onde havia lutas e box.

O processo de transformações, especialmente intenso na Inglaterra, no período compreendido entre o final do século XVIII e a metade do século XIX, consolidou mudanças expressivas. A transição para o capitalismo industrial, com expansão do sistema fabril, fortalecimento do comércio, urbanização, aumento da população, emergência de um movimento organizado e combativo de trabalhadores e demanda crescente por mudanças políticas fundamentaram em parcela da classe dominante a idéia de alterações no modo de vida da população mais pobre. Entre as mudanças preconizadas estava o controle sobre as atividades esportivas populares. Neste aspecto, não houve êxito. “Apostas, corrupção e violência continuaram a caracterizar o esporte e a reforma teve que esperar até bem depois da metade do

século. Do mesmo modo lutas e pedestrianismo prosperaram apesar da desaprovação e perseguição".[14] (HARGREAVES, 1987, p.21).

Inovações maiores surgiram no esporte das classes abastadas inglesas, ao longo dos anos 1800. Aristocratas e os filhos de todos aqueles que pudessem arcar com os custos, pesados, freqüentavam as "public schools", escolas para garotos dos 10 aos 18 anos, localizadas fora das cidades, com grandes áreas, onde os meninos ficavam em regime de internato. Nestes locais a disciplina e os padrões de conduta eram bastante rígidos, mas apenas em sala de aula. Fora das classes, os meninos estabeleciam sua forma de ação. Geralmente os mais velhos dominavam os menores. Nas palavras de Mandell (1999, p. 153), "a atmosfera nestas escolas era violenta, mas encantadora e desafiadora para muitos. Assim também eram os esportes e os jogos." [15]

Depois de arruinar algumas vidas, a recreação nas "public schools" mudou, no final do século XIX. Os dirigentes padronizaram as condições das competições e submeteram os jogos praticados a normas e controle hierárquico. As novas regras para os esportes, escritas, os tornaram menos locais e mais transferíveis, além de transformá-los em objeto de cálculos e medidas. Isto é, a possibilidade de comprovação estatística das façanhas realizadas estimulou a busca da eficiência nas competições.

A nova forma afetou, entre outros esportes, as corridas pedestres. Disputas que ocorriam entre cidades, por exemplo, entre Oxford e Londres, foram substituídas por provas de distâncias padrão, como, entre outras, 20 milhas. Outra modalidade de competição era a verificação da extensão máxima percorrida em uma hora. Cronômetros passaram a ser usados com freqüência.

---

[14] Tradução da autora.
[15] Tradução da autora.

Nos países da Europa continental os primeiros ideólogos da educação física foram os humanistas do Renascimento. Acreditavam que o corpo deveria ser elevado à mesma condição que detinha o espírito na teologia cristã tradicional. Basedow e Guts Muths, com bases filosóficas, desenvolveram séries de exercícios para crianças, no fim do século XVIII e nos primeiros anos 1800, na Alemanha. Jahn, professor de educação física, passou vários anos de sua vida, até 1819, pregando a prática de exercícios como o caminho natural para a democracia. Ainda no século XIX as atividades físicas na Europa Central estavam associadas à elevação espiritual, à saúde e, cada vez mais, ao patriotismo (MANDELL, 1999).

A internacionalização, característica dos últimos anos do século XIX, também atingiu os esportes, com a disseminação das práticas inglesas. Em 1875 foi instalada a União Postal Universal. Foram feitas convenções para padronizar direito de cópia e leis de patentes em 1887 e 1893, respectivamente. Várias exposições mundiais, reunindo cientistas, especialistas e acadêmicos foram realizadas pelo mundo. Homens de negócios e estudantes ingleses, apoiados por viajantes alemães, nos anos 1880 e 1890, cuidaram de difundir o esporte como praticado na Inglaterra, em cidades e nas universidades da Alemanha. A feira universal de 1900 foi programada para Paris, com expectativa de receber milhões de pessoas, nos seus vários meses de duração. Entre outras, a organização aceitou a proposta de um congresso de educação física, com algumas exibições de esportes e jogos. Efetivamente, entre maio e outubro daquele ano centenas de disputas foram realizadas e reconhecidas como a 2ª edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna (MANDELL, 1999). Nas palavras de Hobsbawn (2006, p. 308), “[...] No restante da Europa o esporte em sua forma moderna era importado conscientemente, em termos de valores sociais e estilos de vida, da Grã-Bretanha, [...]”.

3.3.2. ESPORTE MODERNO

Para Hobsbawn a gênese do esporte moderno tem três pontos fundamentais. Em primeiro lugar, observa uma delimitação temporal: as três últimas décadas do século XIX constituem um tempo de difusão de velhos esportes, invenção de novos e institucionalização nacional e internacional. A seguir, associa a institucionalização com a ampliação das atividades, pela exposição do esporte tanto para a aristocracia e burguesia como para as classes médias. Ainda, aponta as instituições do esporte como "um mecanismo de reunião de pessoas de *status* social equivalente, embora sem vínculos orgânicos sociais ou econômicos [...]" (HOBSBAWN, 2006, p. 306)

A institucionalização, aspecto presente nas questões centrais do esporte a partir dos últimos anos do século XIX é incontestável: em 1880 foi criada a Amateur Athletic Association em Oxford, 1897 é o ano da primeira maratona organizada pela Boston Athletic Association, a Union des Sociétés Françaises de Course à Pied foi formada em 1887 (CAILLAT, 1996). Alguns exemplos de instalação das federações, nacionais e internacionais, que evidenciam o pioneirismo inglês, podem ser verificados na tabela a seguir.

Tabela 1 – Ano de criação das federações

	Inglaterra	Estados Unidos	Alemanha	França	Internacional
Atletismo	1880	1888	1898	1920	1912
Ciclismo	1878	1880	1884	1881	1900
Futebol	1863	1913	1900	1919	1904
Natação	1869	1878	1887	1920	1908
Remo	1879	1872	1883	1893	1892
Tênis	1886	1881	1902	1920	1948

Fonte: adaptado de Caillat (1996)

A presença das instituições e regras formalizadas, componentes do esporte a partir do início do século XX, define a ruptura em relação às atividades físicas anteriores. As práticas físicas competitivas, envolvendo o corpo e também o desejo de enfrentamento, sempre existiram. As características, estruturas e princípios atuais do esporte são definições recentes, resultado da evolução das práticas corporais ao longo do tempo, o esporte moderno. De acordo com Chartier (ELIAS e DUNNING, 1986), convenções múltiplas e temporárias cederam lugar a regras fixas, visando permitir uma prática uniforme e potencialmente universal. A história de cada esporte é, fundamentalmente, a história da constituição de um corpo de regras, cada vez mais detalhadas e precisas. A partir da regulamentação é possível compreender dois de seus traços fundamentais: a redução do nível de violência tolerável nos confrontos físicos e o desenvolvimento de uma ética de lealdade que não separa o desejo de vitória do respeito às regras e do prazer do jogo.

Alguns autores identificam diferentes fases no processo de universalização do esporte dos anos 1900. Para Caillat (1996) a primeira metade do século XX

correspondeu à institucionalização e ao desenvolvimento progressivo do espetáculo esportivo, enquanto a segunda metade foi marcada por sua planetarização e massificação.

Rein, Kotler e Shields (2008) mencionam 3 diferentes períodos do esporte no século XX. Um, de 1900 a 1950, quando estádios eram necessários para receber aqueles que quisessem acompanhar as disputas das poucas modalidades então institucionalizadas. Notícias esportivas chegavam por rádio ou jornal ou revista. Outra fase, de 1950 a 1990, foi marcada pela presença da televisão, com transmissões, muitas vezes ao vivo, inclusive de novos esportes como natação e ginástica. Um terceiro momento começou em 1990, com informação esportiva abundante, dados os avanços da televisão, da internet e dos telefones celulares. Nesta fase estádios estão sendo remodelados de forma a integrar tecnologia e serviços, isto é, promover grandes eventos esportivos. Há a ampliação do uso de serviços ligados ao esporte, como “personal trainers”, nutricionista e psicólogos. E, ainda, cresce a preferência por esportes individuais em detrimento dos coletivos: despontam as maratonas, competições de triatlon e de natação.

De acordo com Klein (2008) o processo de crescimento e globalização do esporte moderno apresentou três fases distintas. A primeira etapa, marcada pela expansão, a partir da fundação de clubes e federações, compreendeu o período de 1860 a 1930. Um segundo momento, de mudanças, entre 1930 e 1990, correspondeu à internacionalização das competições e força da mídia. Desde 2000 estamos num período de consolidação do esporte, marcada pela “fashionability” e comunicações.

As formas de periodização apresentadas refletem a relevância das mudanças, também para o esporte, nas comunicações ao longo do século XX. Os Jogos

Olímpicos de Berlim, realizados em 1936, foram mostrados no filme Olympia, da cineasta alemã Leni Riefenstahl. O mundo viu, através de um meio de comunicação de massa, cenas dos atletas, das disputas, das cerimônias de abertura e de encerramento e também do transporte da tocha olímpica entre Olympia e Berlim, inovação daquela edição dos Jogos. Na segunda metade do século o maior impacto foi o da televisão. Alguns números mostram o aumento expressivo de espectadores dos eventos esportivos. A Copa do Mundo de Futebol realizada em 1954, na Suíça, foi transmitida para oito países europeus (AGOSTINO, 2002). A transmissão direta dos Jogos Olímpicos de Roma, em 1960, pelas televisões européias atraiu 200 milhões de espectadores (HACHE, 1993). A abertura dos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992, foi assistida por mais de um bilhão de pessoas (CAILLAT, 1996). A estimativa é que a audiência cumulativa dos jogos da Copa do Mundo de Futebol de 2006 tenha atingido 32,5 bilhões (KLEIN, 2008). A cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim, que não foi transmitida para os Estados Unidos, teve uma estimativa de 4 bilhões de audiência (Folha, 2008).

Nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972,

> [...] os jornalistas tiveram maiores facilidades e serviços mais confiáveis do que os atletas [...]. Os organizadores fizeram esforços deliberados, ainda que pouco divulgados, para manter os turistas longe de Munique e da Alemanha, que não poderia dar conta nem de uma fração dos viajantes mundiais que gostariam de ter estado no local [...]. A audiência se compôs de 500 milhões a 1 bilhão de telespectadores.[16] (MANDELL, 1999, p. 256)

Assim, ao final dos anos 1900 o esporte estava ao alcance da imensa maioria da população mundial. O conhecimento das atividades subsidiou tanto o esporte de alto nível, como o esporte de massa, despertou interesses para os espetáculos esportivos, estimulou esportistas amadores e profissionais. Esporte, prático ou

[16] Tradução da autora

teórico, é tema que não pode ser desconsiderado no mundo atual. É assunto do cotidiano. Nas palavras de Eco (BROHM, 1995), as pessoas praticam, assistem e comentam feitos esportivos, independentemente de, como classificam Ardoino e Brohm (1995), serem partidários ou adversários do esporte.

As corridas de rua ao final do século estavam ao alcance da população e também despertavam interesse crescente. No entanto esta transformação, na mesma direção das mudanças do esporte ao longo dos últimos 100 anos, se concentrou em período de 30 anos. Das discussões apresentadas ao longo do capítulo fica evidente a necessidade do conhecimento das características da sociedade que promoveu e incorporou esta nova prática esportiva.

4. A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

No começo desta tese foram apresentadas as corridas de rua. Esporte praticado em forma semelhante à atual desde o início do século XX, a atividade teve um crescimento no número de praticantes e de eventos e disseminou-se pelo mundo todo a partir do meio da década de 1970.

Também, no capítulo anterior, ficaram evidenciadas as relações entre esporte e sociedade, tanto em termos teóricos, como pela prática. Trabalhos de autores como Elias e Dunning (1992) e Ardoino e Brohm (1995), ainda que com pontos de vista distintos, fundamentaram a transferência de conhecimento entre os dois temas. A história do esporte ao longo do tempo mostrou questões religiosas, da organização do trabalho e de relações de poder que influenciaram as práticas corporais.

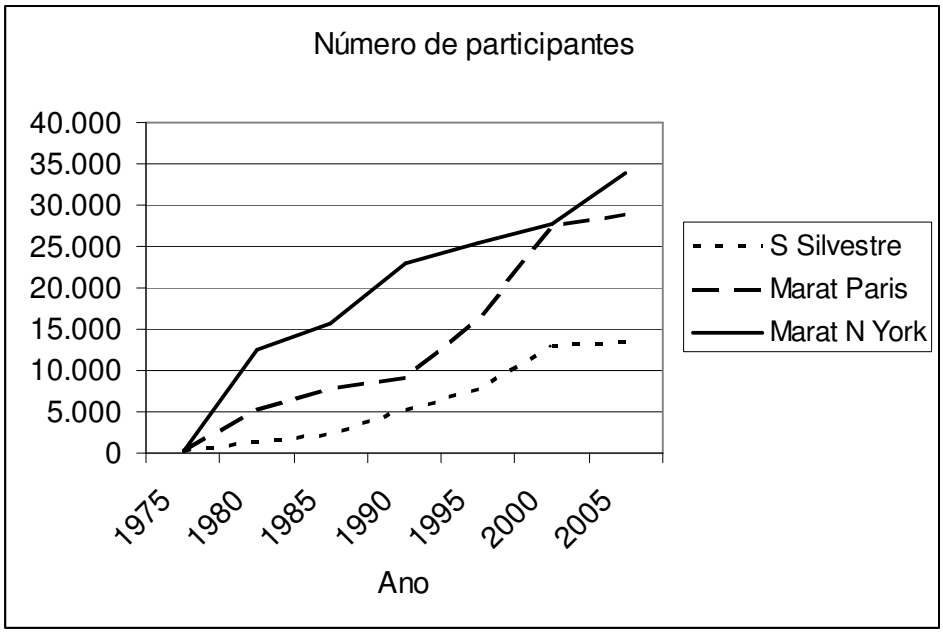
Assim, para a compreensão da expansão das corridas de rua, uma modalidade esportiva, num momento definido, cabe o conhecimento da sociedade no período específico em questão.

As diferentes periodizações do século XX tratam do desenvolvimento do esporte, sem identificar claramente o momento de disseminação das corridas. No entanto, os dados já apresentados e os gráficos abaixo evidenciam o crescimento a partir dos anos 1980.

Como exemplo, para verificar o aumento no número de participantes, foram usados dados de 3 provas: São Silvestre, Maratona de Paris e Maratona de New York. A primeira, com distância de 15 km, as demais, de 42,195 km, acontecem em

continentes diferentes, em épocas do ano distintas. Todas as linhas apontam crescimento contínuo.

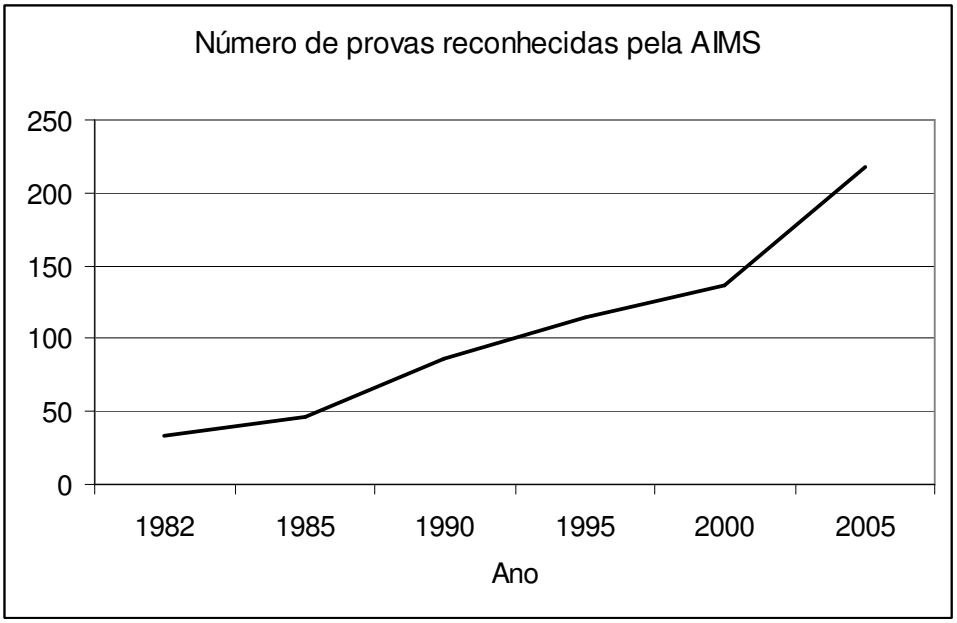
Gráfico 1 – Participação na Corrida Internacional de São Silvestre, na Maratona de Paris e na Maratona de New York



Elaborado a partir de dados do jornal Gazeta Esportiva, www.parismarathon.com e www.nycmarathon.org.

Um indicativo do aumento de corridas é o número de eventos reconhecidos pela AIMS. Associação de organizadores de provas de rua, a AIMS estabelece critérios rigorosos para o credenciamento de uma competição. Isto é, estão computadas apenas parte das corridas que atendem exigências técnicas. Na realidade há um número bem maior de provas ao redor do mundo, desconhecido.

Gráfico 2 – Provas reconhecidas pela AIMS – Association of International Marathons and Road Races



Elaborado a partir de dados de AIMS – Association of International Marathons and Road Races

Para o objetivo desta tese é necessário o estudo da sociedade ao final do século XX, em busca da identificação de condições propícias à expansão das corridas de rua.

Neste capítulo reúno proposições de autores, Hobsbawn (1995), Judt (2008), Hall (2005), Maffesoli (2004, 2005) e Lipovetsky (2004), que apontam as últimas três décadas como o período de uma nova sociedade. A questão central é a ruptura em relação a situações anteriores.

4.1. CONTEMPORÂNEO, PÓS-MODERNO, SÉCULO XXI

Uma observação inicial deve ser feita. Os autores apresentados apontam mudanças em momento próximo aos anos 1970, mas atribuem nomes diferentes ao período posterior. Hobsbawn (1995) o identifica como século XXI; Maffesoli (2004, 2005) designa pós-modernidade; Lipovetsky (2004) aponta dois momentos diferentes, a pós-modernidade e a hipermodernidade. Independentemente da nomenclatura utilizada, vêem novas características na sociedade. Para Brünner (1999) cada vez ao longo da história que se buscou batizar, e assim explicar, uma nova era, se desencadeou de imediato uma guerra entre dois grupos: os que crêem estar diante de uma autêntica novidade e se interessam pela mudança que se está produzindo e aqueles que acreditam que não há nada de novo. Entre os autores aqui discutidos não há divergência quanto às transformações. Todos verificam que há algo de novo e o debatem.

Para Hobsbawn a facilidade de comunicação e de transportes afetou aspectos da vida privada, as atividades econômicas e a ciência.

> [...] Talvez a característica mais impressionante do fim do século XX seja a tensão entre esse processo de globalização cada vez mais acelerado e a incapacidade conjunta das instituições públicas e do comportamento coletivo dos seres humanos se acomodarem a ele. (HOBSBAWN, 1995, p. 24)

Os opostos binários e mutuamente excludentes, como direita e esquerda, tradicional e moderno, certo e errado, que marcaram tanto as relações humanas no período anterior à revolução industrial como a civilização moderna perderam sentido. A crença na ciência e na tecnologia como fonte de progresso material, caminho único de benefícios para a humanidade, foi rejeitada por pensadores e por grupos de

opinião pública. Os vinte anos após 1973 foram tempos de crise e instabilidade, pela perda de referências. “[...] não há como duvidar seriamente de que em fins da década de 1980 e início da década de 1990 uma era se encerrou e outra nova começou” (HOBSBAWN, 1995, p.15). Para o autor já estamos no século XXI há mais de vinte anos.

Judt (2008) aponta as mudanças sociais e culturais entre a geração da 2ª Guerra Mundial e seus filhos, os jovens da segunda metade dos anos 1960. Os primeiros haviam sido devastados pela guerra mundial, formavam um grupo reduzido, estavam temerosos da Depressão, eram inseguros. Com um intervalo maior do que o habitual, a geração seguinte, na Europa, era formada por uma população jovem, numerosa, próspera, autoconfiante e culturalmente autônoma, vivendo um período de intensa atividade econômica.

Entre os nascidos na década de 1950 era crescente o número de alunos que concluíam o ensino médio. Seus pais, em sua maioria, tinham apenas aprendido a ler e escrever, adquirido noções de aritmética e conheciam os principais fatos da história nacional.

> Essa falta de sintonia entre as gerações, algo novo e sem precedentes, constituiu por si só uma verdadeira revolução social – embora uma revolução cujas implicações ainda estivessem limitadas ao ambiente familiar. (JUDT, 2008, p. 397)

Transformações são constantes na sociedade. Judt (2008), assim como Arendt (2005), destacam que a cada geração o mundo se modifica. Mas enfatizam que aqueles que viveram a partir de 1960 encontraram alterações mais drásticas do que quem viveu em períodos anteriores.

Em suas análises Hall (2005) designa a segunda metade do século XX modernidade tardia, período de mudanças no pensamento que encerraram o processo de descentramento do sujeito cartesiano, até então marcado por uma

identidade fixa e estável. Em certa medida, estabelece que a fase posterior, a pós-modernidade, é conseqüência das transformações apontadas por Hobsbawn (1995) e também daquelas discutidas por Judt (2008). O lapso entre as gerações com a facilidade da comunicação e dos transportes transformou a identidade em uma "celebração móvel".

> Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem "flutuar livremente". (HALL, 2005, p. 75).

Para Maffesoli (2005) uma mudança civilizacional está em vias de se operar: "[...] podemos pensar que uma nova modulação do dionisíaco está nascendo sob os nossos olhos" (MAFFESOLI, 2005, p. 20). A imagem de Dionísio, deus de múltiplas faces, é empregada como generalização dos rumos do movimento em direção à pluralidade, que envolve a desordem que não mais culpabiliza, a aceitação da eventualidade com a falência do imperativo da produção e o rito cotidiano de atuação efêmera.

A questão da pluralidade envolve também as pessoas.

> [...] se a modernidade pode caracterizar-se pela estipulação de um domicílio necessário – é se de uma profissão, de um sexo, de uma ideologia, de uma classe, em suma, tem-se uma identidade e um endereço, tudo isso determinando um *social* racional, mecânico e acabado -, é impressionante constatar que a *socialidade* é muito mais confusa, heterogênea e móvel. A indiferenciação sexual, o sincretismo ideológico e a mobilidade profissional delimitam um novo espírito de época. (MAFFESOLI, 2004, p. 67).

Nas palavras de Lipovetsky (2004) uma nova temporalidade marca a sociedade no final da década de 1970. O domínio é do aqui - agora, do efêmero, da desvalorização do futuro. Num momento inicial há

> [...] uma reorganização em profundidade do modo de funcionamento social e cultural das sociedades democráticas avançadas. Rápida expansão do consumo e da comunicação de massa; enfraquecimento das normas autoritárias e disciplinares; surto de individualização; consagração do hedonismo e do psicologismo; perda da fé no futuro revolucionário; descontentamento com as paixões e as militâncias [...] (LIPOVETSKY, 2004, p. 52).

Esta fase, marcada pela dissolução dos enquadramentos sociais, políticos e ideológicos, já está superada. A partir dos anos 1980 e em especial 1990, vivemos a hipermodernidade, marcada por uma escalada aos extremos, ao fim dos limites. As operações econômicas funcionam em tempo real, a internet é povoada por milhões de sites e bilhões de páginas, temos megalópoles superpovoadas, multidões em férias.

> Até os comportamentos individuais são pegos na engrenagem do extremo, do que são prova o frenesi consumista, o doping, os esportes radicais, os assassinos em série, as bulimias e anorexias, a obesidade, as compulsões e vícios. [...] (LIPOVETSKY, 2004, p. 55).

Em síntese, é possível verificar que os últimos anos do século XX foram marcados por transformações, que resultaram numa nova sociedade. Os pontos centrais das mudanças, a questão de identidade e a globalização. A facilidade no trânsito de informações e nos transportes abriu uma série de possibilidades às pessoas, que ampliaram seus vínculos. Características importantes desta nova sociedade estão discutidas a seguir.

Independente dos diferentes nomes, pós-modernidade, hipermodernidade, século XXI, podemos identificar um novo período. Recebe a designação de “contemporânea”, neste trabalho, a sociedade, seus hábitos e costumes nos últimos trinta anos.

4.2. A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

No item anterior ficou evidenciado que a sociedade contemporânea, formada nos últimos trinta anos, apresenta uma ruptura e incorpora uma série de aspectos distintos daqueles vigentes anteriormente. De forma bastante simplificada, as diferenças foram associadas à questão da identidade das pessoas e ao processo de globalização. Cabe agora uma discussão mais detalhada destas transformações.

Os dois temas apontados, identidade e globalização, estão diretamente ligados. A facilidade de informação e o aumento do conhecimento, associados às melhorias no sistema de transporte e de comunicação permitiram novas relações pessoais e profissionais, diversificando os papéis desempenhados pelos indivíduos. Entre outras questões afeitas a estes temas centrais temos a visão de corpo, a saúde, as relações pessoais, o feminismo, a urbanização, a tecnologia e o empreendedorismo. São aspectos do dia a dia nas sociedades atuais e, também, questões que permeiam a atividade esportiva, como já discutido, um fenômeno sociocultural.

Não é possível estabelecer fronteiras para cada um dos temas, que se sobrepõem. No entanto, com o intuito de apresentar de forma organizada as discussões teóricas recentes sobre os assuntos elencados acima, eles foram isolados e distribuídos em dois grandes grupos. No primeiro estão reunidos temas mais afeitos a identidade, comportamento. No segundo, questões associadas à globalização, a aspectos materiais. Uma vez que a proposta desta tese é apresentar vínculos entre uma atividade esportiva, a corrida de rua, e a sociedade, junto à

síntese das posições a respeito de cada uma das características presentes no mundo contemporâneo encontra-se sua relação com o esporte.

4.2.1. IDENTIDADE, CORPO, SAÚDE, RELAÇÕES PESSOAIS E FEMINISMO

4.2.1.1. IDENTIDADE

Cada ser humano tem uma identidade, um conjunto de vínculos sociais. Hobsbawn (1995) designa “revolução cultural” a alteração na relação dos indivíduos com a sociedade nos últimos anos do século XX. Até então os seres humanos estavam ligados entre si e vinculados a organizações de acordo com modelos e padrões de comportamento estabelecidos. Para o autor a vida contemporânea está marcada pelo rompimento com papéis previamente determinados. A família e as igrejas tradicionais, entre outras instituições, perderam espaço. Houve um esgarçamento das velhas convenções. A nova sociedade, anômica quanto às relações entre pessoas e suas associações, trouxe insegurança para os mais velhos e incompreensão dos mais novos em relação à geração anterior.

O sujeito pós-moderno, de acordo com Hall (2005), não tem uma única identidade, fixa, completa, segura ou permanente. As identidades são definidas historicamente, em cada um dos sistemas culturais a que se pertence. Assim, as identificações contemporâneas são várias, continuamente deslocadas e

transformadas, de duração indefinida, na medida em que cada um integra diferentes sistemas de significação cultural. A expressão “celebração móvel”, cunhada pelo autor, comporta, inclusive, identidades contraditórias.

Ainda, segundo Hall (2005), a identidade não necessariamente se define pela proximidade. A globalização repercute de maneira direta no rol de possibilidades de formação da identidade móvel.

> Os *fluxos culturais*, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de “identidades partilhadas” – como “consumidores” para os mesmos bens, “clientes” para os mesmos serviços, “públicos” para as mesmas mensagens e imagens – entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no espaço e no tempo. (HALL, 2005, p. 74).

Também Lipovetsky (2004) aponta mudança na questão da identidade em relação às sociedades tradicionais. Antes intangível e institucionalizada, no presente a identidade deixou de ser natural. É aberta, reflexiva, “um problema, uma reivindicação, um objeto de apropriação dos indivíduos” (LIPOVETSKY, 2004, p.95). Cabe verificar que enquanto Hall (2005) menciona “celebração”, Lipovetsky (2004) usa “problema”. Para este autor, a desregulação institucional enfraquece e desestabiliza o indivíduo, perturba os ânimos, multiplica distúrbios psicológicos. Em resumo, a liberdade e a possibilidade de uma vida intensa contemporâneas trazem dificuldades adicionais aos indivíduos, na medida em que cada um pode e, sobretudo, precisa, escolher sua identidade.

A multiplicação das identidades na pós-modernidade é discutida também por Maffesoli (2004). Sua proposta é que se substitua “indivíduo” pelo termo “pessoa”, alguém “que desempenha diversos papéis no seio das tribos a que adere” (MAFFESOLI, 2004, p. 26). O trânsito entre grupos diferentes faz com que a vida de cada um possa ser vista como uma sucessão de instantes eternos, onde o

importante é buscar a auto-realização e a expansão pessoal em cada momento e no presente, vividos com intensidade.

Assim, se Lipovetsky (2004) aponta a vida intensa como fonte de angústia do sujeito pós-moderno, Maffesoli (2004) enxerga justamente nesta situação a possibilidade de crescimento e realização.

Hall (2005) mencionou a possibilidade de “identidades partilhadas” entre pessoas distantes no tempo e no espaço. Maffesoli (2004) aponta a força do local, que fornece referências, na construção do sentimento de compartilhamento e inserção.

> [...] o lugar produz um vínculo. E um vínculo, portanto, que não é abstrato, teórico, racional. Um vínculo que não se constitui a partir de um ideal distante, mas que, muito pelo contrário, baseia-se organicamente na posse comum de valores arraigados: língua, costumes, culinária, posturas corporais. Todas elas são coisas cotidianas, concretas, que aliam num paradoxo apenas aparente o material e o espiritual de um povo. [...] (MAFFESOLI, 2004, p. 22).

Não há incongruência entre Maffesoli e Hall. Na sociedade contemporânea as identidades são muitas, escolhidas, não impostas e não excludentes entre si. Podem coexistir identidades locais e globais.

Outra possibilidade para a construção de identidade é a prática esportiva, apontada por Gasparini (2003). Grupos se formam sem necessidade de uma organização oficial, nem regulamentos internos e nem obrigações formais. Os participantes se encontram em locais apropriados, de acordo com hábitos adquiridos, com seu material pessoal e trajados conforme seu desejo de marcação.

> [...] A motricidade tem valor de comunicação entre pares e não valor de superação de representação codificada. A prática esportiva é um fim em si que se difunde pelo contato direto entre os praticantes. Ela

> se adquire pela imitação e visa a cooperação e a tradição lúdica mais do que o progresso esportivo. [17] (GASPARINI, 2003, p. 45).

Em síntese, a sociedade contemporânea é formada por pessoas de múltiplas identidades, elegidas. As motivações para as escolhas, assim como as identificações, são ilimitadas. Entre elas, fluxos culturais e comerciais, a proximidade no espaço e no tempo e o esporte.

4.2.1.2. CORPO

De acordo com Caillat (1996), cada época determina um uso do corpo. Até fins do século XIX e início do século XX as atividades corporais atendiam a propósitos religiosos, de culto ou de sacrifício. A industrialização do início dos anos 1900 introduziu a competição, a classificação e os números, que quantificam a qualidade.

Le Breton (2006) afirma que a existência é corporal, a relação das pessoas com o mundo, sua inserção em espaços sociais, se faz pelo corpo. Na mesma linha de raciocínio adotada por Caillat (1996), aponta um novo imaginário de corpo no final dos anos 1960, luxuriante. Em um momento em que os laços sociais se ampliam e se tornam incertos, o corpo, traço visível, ganha importância como referência. Torná-lo um lugar de inclusão, o conector que o une aos outros, é um dos imaginários sociais mais férteis da modernidade (LE BRETON, 2006). Isto é, para Le Breton no final do século XX o corpo tem função relevante na formação da identidade.

---

[17] Tradução da autora.

Outro autor que apresenta uma transformação na visão de corpo entre a modernidade e a pós-modernidade é Maffesoli (2004). Quando o trabalho e o progresso deixaram de ser imperativos, o corpo perdeu sua função como instrumento de produção. O abandono da condição produtiva está associado à compreensão que o mundo social, ou socialidade, conjunção da razão e do sensível que caracteriza a sociedade contemporânea, é fruto de uma interação permanente, de uma reversibilidade constante entre os diversos componentes do meio social. Cabem entre as novas formas de agregação social o culto do corpo, a preponderância da imagem, o hedonismo e a moda, que substituem diversos ativismos da modernidade. O corpo para as múltiplas ocasiões de festa, para a sucessão de momentos intensos, deve ser lúdico e amoroso.

Ao mencionar os cuidados com o corpo e com a imagem corporal como substitutos para militâncias anteriores, Maffesoli rechaça a visão exclusivamente anatômica do corpo e, tal como Ardoino e Brohm (1995), reforça seu papel social. Explicam estes autores que o corpo não pode ser visto apenas como uma organização objetiva, uma máquina de performances, um amontoado de músculos, uma rede sensório-motora de receptores perceptivos ramificados sobre executores operacionais. O corpo orienta nossas práticas, realizações e instituições, materiais e simbólicas, uma vez que está no centro do nosso imaginário inconsciente.

A atividade esportiva reúne as duas funções do corpo. Por um lado, é o material essencial.

> Apesar do grau de exigência física variar de esporte para esporte, o foco principal de atenção no esporte como um todo é o corpo e seus atributos – sua força, habilidade, resistência, velocidade, beleza,

> estilo, forma e aparência geral são testados e/ou postos em evidência.[18] (HARGREAVES, 1995, p. 12).

Mas é justamente o corpo imbuído de significado social que vai se prestar à prática de esporte.

> O agir esportivo e a utopia que o anima supõem a ação dentro da lei, a aceitação realista do esforço e das contrariedades necessárias ao sucesso na façanha, o respeito a regras técnicas e éticas, mas afirmam, simultaneamente, um desafio, uma intenção de superação, um desejo de transgressão das normas estabelecidas.[19] (ARDOINO e BROHM, 1995, p. 74).

Assim, podemos dizer que no presente o corpo assume uma nova função. É referência e elo de ligação entre as várias identidades. Também, é objeto de várias militâncias, entre elas o esporte.

4.2.1.3. SAÚDE

Em sua constituição, em 1946, a OMS, Organização Mundial de Saúde, instituição especializada da Organização das Nações Unidas, definiu saúde. É "um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não consiste apenas numa ausência de doença ou enfermidade".[20] (BÉLANGER, 1989). A caracterização de uma situação positiva, acrescida da ressalva de que não basta a inexistência de problemas é o aspecto inovador no tratamento do tema. Fortalece a busca por um estado geral satisfatório e reduz a importância de procedimentos e intervenções

---

[18] Tradução da autora.
[19] Tradução da autora.
[20] Tradução da autora

curativas, ampliando a atuação daqueles que tem como objeto de trabalho e pesquisa a questão da saúde.

Neste quadro, Kenneth Cooper, corredor e médico, nascido nos Estados Unidos, dedicou-se nos anos 1960 a pesquisas relacionando exercício, aptidão física e saúde. Isto é, ocupou-se em estabelecer, na prática, uma forma de assegurar bem estar a todos, a partir da suposição de que o exercício físico regular poderia ser um instrumento válido. Depois de concluir seus estudos de pós-graduação na Harvard School of Public Health foi convocado para trabalhar na supervisão do treinamento de todos os recrutas da Força Aérea dos Estados Unidos, o que ampliou enormemente sua base de observação e experimentação.

> [...] Durante o período em que exerci tal função, consegui formular meios de elevar o nível geral de condicionamento físico daqueles jovens e também estabelecer o atualmente famoso teste de corrida de 12 minutos para verificar o nível geral de aptidão física do indivíduo. (COOPER, 1985, p. 34).

Seu livro *Aerobics* (editado no Brasil sob o título *Método de Cooper*) publicado em 1968 divulga a forma de treinamento e o teste, “uma maneira fácil de medir o sucesso de seu programa” (COOPER, 1985, p. 157), além de servir como padrão de medida para comparar os níveis de aptidão de pessoas de todas as idades. O apelo de um método simples, de aplicação fácil, foi bastante grande. Adotado por pessoas sem o hábito do exercício e da atividade física, trouxe para muitos resultados perceptíveis em pouco tempo e motivação para continuarem a se exercitar. Também sua aplicação no treinamento da seleção brasileira de futebol, tricampeã do mundo em 1970 contribuiu fortemente para a disseminação de suas idéias. Cláudio Coutinho, envolvido com a preparação física do time do Brasil, usou o método de Cooper para preparar os jogadores que disputaram a Copa do Mundo no México, a 2.000 m acima do nível do mar. A performance da equipe brasileira foi admirada e

elogiada no mundo todo [21], que assistiu aos jogos transmitidos via satélite. Evidência do papel determinante exercido por Cláudio Coutinho é a dedicatória de Cooper em seu livro O Programa Aeróbico para o Bem-Estar Total, publicado nos Estados Unidos em 1982.

> Este livro é dedicado a meu amigo e colega brasileiro Claudio Coutinho que será lembrado não só como um dos maiores treinadores de futebol de todos os tempos, mas também como a pessoa que, mais que qualquer outra, foi responsável pela apresentação dos aeróbicos ao mundo. (COOPER, 1982, p. 7).

A orientação da prática de exercícios para uma vida saudável perdura desde então. Weineck (2003) explica que as doenças hipocinéticas, isto é, aquelas decorrentes da falta de movimentos, são o principal motivo de perda de autonomia e causa da maior parte dos óbitos em todo o mundo nos dias de hoje. A drástica redução de atividade física, resultado de avanços tecnológicos como carros, elevadores, controles remotos, fomentou o aumento de problemas para o sistema cardiovascular, para o aparelho locomotor, para o sistema metabólico, para o sistema hormonal e para o sistema nervoso. Exemplos destes males são a hipertensão, o infarto, a perda de mobilidade de membros, a fraqueza coordenativa, a obesidade. Para a prevenção, diminuição ou eliminação dessas doenças servem diferentes modalidades esportivas.

Lipovetsky (2004) associa o quadro cima à hipermodernidade, em oposição aos períodos anteriores, de despreocupação otimista, de 1945 a 1973, e de liberação do corpo. Hoje, “a obsessão narcísica com a saúde e a longevidade segue de mãos dadas com a prioridade dada ao depois sobre o aqui-agora” (LIPOVETSKY, 2004, p. 73). A medicina que informa sobre riscos e sintomas, estimula exames

---

[21] Informação prestada pela diretoria da Corpore e por Manoel Arroyo em entrevistas com a autora.

clínicos, inclusive preventivos, e propaga a modificação dos estilos de vida dita comportamentos. Alimentação saudável, perda de peso, repulsa ao fumo e atividades físicas se incorporam ao cotidiano.

As práticas esportivas lúdicas, “com sensações agradáveis que melhoram a saúde, o bem estar, o lazer e as relações sociais” [22] (GASPARINI, 2003, p. 42) atendem à busca de saúde nos moldes contemporâneos, que privilegia a prevenção e a redução de incapacidades.

4.2.1.4. RELAÇÕES PESSOAIS

Os anos 1960, identificados por Hall (2005) como modernidade tardia, foram marcados por vários movimentos sociais, entre eles o feminismo, as revoltas estudantis, as lutas pelos direitos civis e reivindicações de paz. Entre as características comuns a estes movimentos estava a suspeição de todas as formas burocráticas de organização e o favorecimento da espontaneidade e dos atos de vontade política. Eram reflexo do enfraquecimento ou do fim da classe política e das organizações políticas de massa com ela associadas, bem como de sua fragmentação em vários e separados movimentos sociais. Ainda de acordo com Hall, apelavam à identidade social de seus sustentadores.

Outra característica do final do século XX, assinalada por Brünner (1999), foi a desintegração de estruturas de suporte da vida pessoal, em particular a família e a comunidade. Em seu lugar surgiram relações mais abstratas, voluntárias, de tipo

[22] Tradução da autora.

contratual, que contribuíram para a criação de sociedades frágeis, angustiadas pela solidão, assustadas diante da velhice e da morte, inóspitas e frias.

Também Maffesoli (2004) discute o rompimento dos vínculos sociais nos últimos anos 1900, citando a falência da família, da escola, do trabalho e da política, entre outras. Para ele uma das diferenças entre a nova era e a modernidade é o tipo de laço social existente em cada uma delas. Antes, a base era um racionalismo abstrato. Na pós-modernidade a intensidade e a heterogeneidade da vida acentuam a pluralidade das razões e das sensações. Múltiplas novas relações sociais se estabelecem. Pessoas próximas pela experiência vivida se reúnem para constituir um grupo, "o agregado a que aderimos por ideologia ou necessidade de proteção, e que pode ser o conglomerado produtivo ou a associação criada com vista a uma ação racional" (MAFFESOLI, 2004, p. 43). Nas organizações formais, como partidos, universidades e sindicatos surgem microentidades baseadas na escolha e na afinidade, as tribos. "Tribos religiosas, sexuais, culturais, esportivas, musicais: o número delas é infinito e sua estrutura é idêntica – ajuda mútua, compartição dos sentimentos, ambiente afetuoso" (MAFFESOLI, 2004, p. 24).

Isto é, há uma fragmentação da vida social, na medida em que organizações formadas por vínculos abstratos que respondiam por vários interesses simultaneamente cedem espaço a um número ilimitado de grupos com objetivos específicos.

Lipovetsky (2004) faz uma análise semelhante da transformação das relações na pós-modernidade. Emprega o termo "emancipação" para tratar do abandono dos papéis sociais e das instituições tradicionais. Normas sociais mais flexíveis e diversas possibilitaram uma gama maior de opções pessoais, que fundamentaram um sentimento de autonomia e a abertura para existências individuais. Os grandes

projetos coletivos foram substituídos, na pós-modernidade, pela individualização das condições de vida, pelo culto do eu e pelas felicidades privadas.

Neste ponto cabe lembrar um aspecto discutido anteriormente nesta tese. Para Lipovetsky (2004) desde a década de 1980 vivemos a hipermodernidade, "o tempo do desencanto com a própria pós-modernidade, da desmistificação da vida no presente, confrontada que está com a escalada das inseguranças" (LIPOVETSKY, 2004, p. 64). Conviver com a autonomia se tornou um fardo, pela necessidade de escolhas, que gera stress, apreensão e insegurança.

Em síntese, Lipovetsky (2004) aponta o fim das relações da modernidade. As pessoas se libertaram das imposições da família, da religião, dos partidos políticos, ganharam fluidez e independência social. Num primeiro momento a nova situação trouxe a afirmação do indivíduo. Passada a euforia, os sentimentos que se instalaram foram os de desinserção, de desestabilização e de desorganização. Não há, de acordo com o autor, um modelo de relações sociais característico da hipermodernidade. Apenas insegurança diante das transformações da pós-modernidade.

Também Gasparini situa uma ruptura nas relações sociais na década de 1970. Mais: aponta o esporte como atividade substituta das militâncias anteriores.

> Na França, depois do meio dos anos 1970, constatamos um enfraquecimento dos valores comunitários propícios aos projetos coletivos como aqueles dos partidos políticos, dos sindicatos, das religiões, das federações, etc. Isso explica o surgimento e o posterior desenvolvimento de objetivos esportivos individuais. Para alguns o esporte se tornou um meio de obter satisfação pessoal a curto prazo.[23] (GASPARINI, 2003, p.41).

Das discussões apresentadas pelos vários autores podemos concluir que a sociedade contemporânea revogou as relações sociais anteriores, poucas e fixas.

[23] Tradução da autora.

Substituiu-as pela possibilidade de múltiplas relações, informais ou formais, voluntárias, baseadas em objetivos e afinidades específicos, definidos individualmente.

4.2.1.5. FEMINISMO

Os anos 1960 foram marcados por movimentos sociais, entre eles o feminismo, que alterou drasticamente convenções de comportamento social e pessoal, causou uma “revolução cultural”, expressão usada por Hobsbawn (1995).

A década de 1940 assistiu a mudanças no trabalho feminino (HOBSBAWN, 1995). Até então as mulheres casadas deveriam se ocupar da casa e da família. Após 1945 as mulheres pobres, ou “de orçamento apertado”, saíram de casa para trabalhar e aumentar a renda familiar. Dois fatores importantes para a nova atividade foram a redução drástica do trabalho infantil, que até então contribuía para a renda familiar, e a necessidade de dar educação e, através dela, perspectivas melhores, aos filhos. Para as mulheres de classe média, beneficiadas pela disponibilidade de alimentos preparados e pela mecanização das tarefas domésticas, a atividade profissional supria a demanda por liberdade e autonomia.

> [...] Em 1940, as mulheres casadas que viviam com os maridos e trabalhavam por salário somavam menos de 14% do total da população feminina dos EUA. Em 1980, eram mais da metade: a porcentagem quase duplicou entre 1950 e 1970. [...] (HOBSBAWN, 1995, p. 304)

O engajamento de mulheres intelectuais aprofundou o debate da liberação e da auto-afirmação das mulheres.

De maneira sintética, Hall (2005) aponta as discussões relevantes do movimento feminista. Entre elas, menciona o questionamento da distinção entre o “dentro” e o “fora” e entre o “privado” e o “público”; a abertura para a contestação política de arenas da vida social, como a família, a sexualidade, o trabalho doméstico e sua divisão, o cuidado com as crianças etc.; e também a forma de produção e formação de identidade de gênero.

Ao final do século XX arranjos básicos como o casamento formal e a superioridade dos maridos em relação às esposas (patriarcado) tinham perdido muito da sua força. Alguns números ilustram esta mudança. Na Inglaterra e no País de Gales em 1938 houve um divórcio para cada 58 casamentos; em meados de 1980, um divórcio a cada 2,2 casamentos. Na Bélgica, França e Países Baixos, o número anual de divórcios por mil habitantes praticamente triplicou entre 1970 e 1985 (HOBSBAWN, 1995).

Em 1966, Bandaranaike, do Sri Lanka, tornou-se a primeira primeira-ministra do mundo. Em 1990, segundo a ONU, 16 governos ou eram ou tinham sido chefiados por mulheres (HOBSBAWN, 1995).

Ou seja, as mulheres ganharam autonomia, poder de decisão e responsabilidades até então fora de seu alcance. Para Maffesoli (2004) a discussão da questão de gênero não está entre os temas da pós-modernidade, está encerrada. Enquanto na modernidade sexo e profissão eram determinantes do social, na pós-modernidade predominam a indiferenciação sexual e a mobilidade profissional.

A participação de mulheres em maratonas acompanhou o processo de emancipação feminina na sociedade. O organizador da Maratona de Boston, ao comentar a presença de uma mulher em 1966, declarou que ela não havia corrido *a* Maratona de Boston, apenas coberto o mesmo percurso da prova oficial enquanto

ela estava em andamento. Inscrições femininas em maratonas eram proibidas então (NOAKES, 1991). Pouco mais de 10 anos depois, em 1978, a Avon, então líder mundial na produção de cosméticos e perfumes, envolvida com promoção do condicionamento físico das mulheres como parte da noção de que saúde e beleza andam juntas, promoveu corridas de rua ao redor do mundo. O encerramento do circuito reuniu as primeiras colocadas de cada etapa em uma maratona feminina que despertou a atenção internacional para as corridas de longa distância femininas. O embasamento técnico para a corrida foi dado por van Aacken, médico e treinador alemão, que já havia brigado, com sucesso, pela inclusão da corrida feminina de 1.500 m nos Jogos Olímpicos de Munique em 1972. Em documento de 1981, usando apenas argumentos comportamentais, o médico alertava para a possibilidade de sucesso feminino.

> Psicologicamente, homens são mais explosivos, inconsistentes, intolerantes, e, com dor ou extenuados – especialmente entre atletas de alto rendimento –, de certa forma lamurientos. Uma mulher é o oposto: forte, constante, tolerante, equilibrada e calma sob a dor para a qual sua biologia a expõe (durante o parto). Armada com estas vantagens, mulheres estão em posição de proezas de resistência previamente consideradas impossíveis pelos homens. [24] (NOAKES, 1991, p. 598)

Desde então a participação de mulheres nas corridas de longa distância cresceu a cada ano. Nas maiores maratonas de 2007 elas representaram mais de 30 % dos corredores.

Isto equivale a dizer que o aumento de espaço ocupado pelas mulheres na sociedade a partir do movimento feminista incluiu também as maratonas.

---

[24] Tradução da autora.

4.2.2. GLOBALIZAÇÃO, URBANIZAÇÃO, TECNOLOGIA E EMPREENDEDORISMO

4.2.2.1. GLOBALIZAÇÃO

O termo globalização não é novo: de acordo com Brünner (1999), começou a ser usado há tempo, inclusive pelo teórico das comunicações McLuhan, na década de 1960. No entanto, foi nas últimas décadas que, junto com a expressão pós-modernidade, começou a ser usado de forma reiterada pelos analistas especializados e também pela imprensa. Integram o vocabulário de nossa época, na reflexão sobre si mesma.

Giddens (1991) cuidou de definir globalização.

> A globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. [...] (GIDDENS, 1991, p. 69).

Para Hall (2005) desde os anos 1970 estamos numa fase da globalização marcada pelo aumento tanto o ritmo como o alcance da globalização.

> Uma de suas características principais é a “compressão espaço-tempo”, a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos de um determinado lugar têm um impacto imediato sobre as pessoas e lugares situados a uma grande distância. (HALL, 2005, p.69).

Sem negar a definição e a característica apontadas, respectivamente, por Giddens (1991) e Hall (2005), Hobsbawn (1995) acrescenta aspectos importantes à

discussão de globalização. Ressalta que o estágio alcançado na década de 1990 foi o resultado da aceleração nas comunicações e nos transportes. Mas, mais importante, destaca que a ciência, a tecnologia, a economia, infra-estruturas técnicas, algumas instituições culturais e aspectos da vida privada estão expostos às pressões da padronização global. No entanto, algumas instituições, notadamente o Estado e a política, não estão sujeitos à globalização, o que determina crescimentos desequilibrados e assimétricos ao redor do mundo (HOBSBAWN, 2007). Daí a impropriedade de tratá-la como um processo de homogeneização.

Maffesoli (2004) menciona língua, costumes, culinária, posturas corporais, práticas discursivas e modo de representação como fatores de agregação. Assim, grupos sociais particularizam suas atitudes, não são engolidos pela globalização. Maffesoli identifica uma “babelização potencial” (MAFFESOLI, 2004, p. 25).

As práticas esportivas evidenciam a globalização e babelização simultâneas. A defesa do condicionamento físico é quase onipresente (MANDELL, 1999). A cada domingo, ao redor do mundo, milhões de pessoas jogam futebol, correm, pedalam. No entanto, a forma de encontro, os locais, os horários atendem a hábitos e condições de cada lugar.

4.2.2.2. URBANIZAÇÃO

O crescimento da população mundial e sua concentração nas cidades são características da sociedade contemporânea. Brünner (1998) cuida da quantificação,

ao afirmar que entre 1995 e o ano 2000, anualmente, se agregaram à população mundial 112 milhões de pessoas.

Hobsbawn (2007), ao tratar do processo de transformações sociais do início do século XXI, menciona a ascensão de uma sociedade predominantemente urbana e o aparecimento das hipercidades, com população expressa com oito dígitos. Enquanto em 1950 cerca de 26% da população mundial vivia em cidades, em 2007 este número estava próximo da metade.

Para Giddens (1991) dois fatores concorrem para o crescimento das cidades: a globalização e "a extensão lateral das conexões sociais através do tempo e do espaço" (GIDDENS, 1991, p. 70).

O resultado deste crescimento dá forma à cidade pós-moderna, descrita por Maffesoli (2004). A metrópole é constituída como sucessão de espaços de agregação, lugares definidos por e para iniciados, onde se vai em busca de observação e participação.

> [...] a megalópole é constituída por uma série de "altares", no sentido religioso do termo, nos quais são celebrados diversos cultos de forte componente estético-ético. São os cultos do corpo, do sexo, da imagem, da amizade, da comida, do esporte, etc. Nesse aspecto, a lista é infinita. O denominador comum é o lugar onde se realiza esse culto. [...]. (MAFFESOLI, 2004, p.57).

A cidade contemporânea está em permanente ebulição. Ela não obedece ao ritmo diurno-noturno, de funções bem delimitadas. A pluralidade de vínculos sociais das pessoas que a tem como referência estabelece um movimento intenso, contínuo.

Ainda segundo a descrição de Maffesoli (2004), o espaço compartilhado induz uma solidariedade específica. Os exemplos da vida cotidiana se tornam contagiosos. A imitação é uma constante.

A atividade esportiva segue o ritmo das cidades. Não há restrição de horário para a prática, em lugares pré-determinados. Corredores praticam antes do nascer do sol, ciclistas aproveitam a noite, centros esportivos e academias têm horários amplos. A questão da “contaminação”, da imitação, é freqüente no esporte.

> O preparo físico (e por que não psicológico também) extraordinário que tem o atleta, que envolve a explicitação inevitável da busca e superação de limites, torna-o alvo de identificações e projeções, levando-o a ser adorado por sua torcida, e respeitado, e por vezes odiado, pelos adversários. (RUBIO, 2001, p. 100).

As cidades contemporâneas acolhem, entre outras tribos, os esportistas, que escolhem seus altares e horários, de forma a tornar compatíveis as vivências de todas as suas relações sociais.

4.2.2.3. TECNOLOGIA

Uma marca indiscutível do século XX é o avanço tecnológico, que praticamente anulou o tempo e a distância. Todos os dias, a qualquer hora, desde a década de 1990, é possível, com o toque de alguns botões, falar com pessoas cruzando oceanos e continentes (HOBSBAWN, 1995).

A evolução dos transportes, tanto de pessoas como de produtos, foi inquestionável. No início do século XX apenas carros e trens permitiam viagens longas, navios eram necessários para atravessar os mares. A partir dos anos 1980 viajar e transportar cargas de avião se tornou comum. No fim do século, cerca de 2,6 bilhões de pessoas foram transportadas anualmente por linhas aéreas (HOBSBAWN, 2007).

Entre as inovações fundamentais dos anos 1900 Brünner (1999) aponta as mudanças na comunicação, principalmente de massa, ampliada e diversificada pela criação do cinema, da radiodifusão e da televisão. Esta última Brünner identifica como a "revolução na revolução", dado a magnitude das alterações que ela provocou.

> [...] Absorveu uma porção crescente do tempo livre das massas, difundiu ao redor do mundo uma nova cultura audiovisual, criou audiências de uma magnitude nunca antes vista e transformou a publicidade e a informação, ligando-as ao complexo fenômeno do entretenimento. [...] [25] (BRÜNNER, 1999, p. 96).

Judt (2008) reforça esta visão, ao afirmar que na sociedade contemporânea a televisão foi a responsável por tirar do isolamento e da ignorância comunidades distantes, ao proporcionar a todos uma cultura visual comum.

Mas, para Brünner (1999), na pós-modernidade vivemos uma nova revolução das comunicações: a internet. A convergência entre televisão, informática e telecomunicações, pelo uso da eletrônica, aumentou drasticamente a velocidade de contato e de mudanças na sociedade. Além disto, as características da rede globalizada, um sistema auto organizado, aberto e interativo representam uma nova arquitetura social.

Neste ponto cabe recordar os passos, ainda muito recentes, das transformações que viabilizaram a internet. Os computadores pessoais, que permitiram a pessoas comuns terem os benefícios da computação a preços muito menores do que antes têm apenas trinta anos de existência. O primeiro computador caseiro foi lançado em 1977, pela Apple. O sistema operacional Windows foi lançado em 1985, mas foi a versão aprimorada, o Windows 3.0, que chegou ao mercado em maio de 1990, que tornou a operação de computadores pessoais algo acessível a

[25] Tradução da autora.

todos. Desde então deixou de existir limite para a quantidade de informação que um único indivíduo podia acumular, criar, manipular e difundir (FRIEDMAN, 2007).

A conectividade, possibilidade de transmitir e transferir conteúdos entre computadores pessoais com baixo custo, surgiu no início da década de 1990, através da internet, uma rede de computadores e cabos. Em 1991 começou a funcionar o world wide web, um espaço virtual para a publicação de documentos, sons, vídeos e informações acessíveis a todos os interessados. A comunicação deixou de ser fechada, orientada e passou a ficar disponível para quem quisesse, o tempo todo. “Em cinco anos, o número de usuários da Internet pulou de 600 mil para 40 milhões. Em determinado momento, dobrava a cada 53 dias.” (FRIEDMAN, 2007, p.78).

A cultura visual, difundida pela televisão e reforçada pela internet, é aspecto constitutivo do sujeito e da sociedade na pós-modernidade, segundo Maffesoli (2004). A tecnologia assegura a existência de um

> [...] “mundo imaginal”, ou seja, de um modo de ser e de pensar que é inteiramente perpassado pela imagem, pelo imaginário, pelo simbólico, pelo imaterial. É a imagem como “mesocosmo”, isto é, como meio, como vetor, como elemento primordial do vínculo social. (MAFFESOLI, 2004, p.30)

O esporte e as imagens estão diretamente associados. Os Jogos Olímpicos de Pequim foram vistos por mais de 4 bilhões de pessoas. A cada final de semana é possível acompanhar jogos de futebol dos campeonatos de diversos países do mundo. Quem estabelece o momento da largada da Meia Maratona Internacional do Rio de Janeiro é a televisão. Mas também cronometragens, inscrições, classificações do mundo esportivo contemporâneo são feitas com o uso intensivo da tecnologia, sobretudo da eletrônica.

4.2.2.4. EMPREENDEDORISMO

A partir da década de 1970 modificações no setor produtivo impactaram fortemente as relações de emprego. Houve a racionalização da produção, decorrência do desenvolvimento e disseminação do modelo de industrialização japonês, que buscava o fim do desperdício de tempo, de mão-de-obra e de materiais, viável graças aos avanços tecnológicos do período. Também, houve a substituição do trabalho humano por máquinas. Nas duas décadas entre os anos 1970 e 1990 o número de trabalhadores, no mundo, diminuiu relativamente, absolutamente e rapidamente, de acordo com Hobsbawn (1995). Importante destacar que o desemprego atingiu também o setor terciário, os serviços, que se expandiram com a urbanização no século XX.

Lipovetsky (2004) apresenta uma série de expressões e palavras-chave para as organizações nos anos 1980 e, em especial, 1990. “Just in time”, atraso-zero, flexibilidade, rentabilidade, termos que refletiam uma modernização exacerbada, sob a lógica da urgência. Ainda segundo Lipovetsky (2004), as conseqüências desta ordem econômica foram dramáticas: reduções maciças de quadros funcionais, emprego precário e ameaça de desemprego.

A crise econômica mundial trouxe instabilidade para os empregados de empresas, e, simultaneamente, estabeleceu condições para que muitas pessoas buscassem novos negócios e novas atividades. O termo “empreendedor” adquiriu novo significado e relevância na sociedade contemporânea. Explica Hillairet (2002) que os adjetivos “heróico” e “revolucionário”, usados no século XIX e até a metade do século XX para qualificá-los, não mais se aplicam.

> [...] Hoje, a “função” primeira do empreendedor é criar novas riquezas e novos empregos, antes o seu, o dos outros a seguir, especialmente através de empresas que ele cria. Sua “ação” (ou liberdade de ação) se situa ao nível do lugar deixado vazio pelas outras empresas. [26] (HILLAIRET, 2002, p. 221).

Isto é, nos últimos anos surgiram novas ocupações profissionais e novas empresas, a partir da transformação do comportamento administrativo em comportamento empreendedor. A nova cultura incorpora a aceitação do risco, a autonomia, o senso de responsabilidade e a capacidade de identificar as oportunidades de criar valor agregado (HILLAIRET, 2002)

Hallairet (2002, p. 9) descreve o perfil das organizações envolvidas com o esporte.

> [...] Se é verdade que uma parte importante dos fluxos financeiros se concentra num pequeno número de agentes econômicos fortemente ligados à mídia, o essencial dos assalariados do setor, os empregos novos, os inovadores ou ainda os empreendedores se distinguem em outros locais, em estruturas bem mais modestas e em situações bem mais comuns.[27] (HILLAIRET, 2002, p. 9).

Uma vez discutidas questões que ao longo dos últimos anos passaram por processos de transformação e que hoje orientam práticas e atitudes das pessoas, temos formado um quadro das características específicas da sociedade contemporânea. Cabe então verificar a compatibilidade entre este quadro e a corrida de rua, um fenômeno dos últimos trinta anos, uma prática esportiva e, como tal, uma questão sociocultural.

---

[26] Tradução da autora.
[27] Tradução da autora.

5. A CORRIDA INTERNACIONAL DE SÃO SILVESTRE E A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

No começo desta tese foram apresentadas as corridas de rua. Esporte praticado em forma semelhante à atual desde o início do século XX, a atividade teve um crescimento no número de praticantes e de eventos e disseminou-se pelo mundo todo a partir do meio da década de 1970.

Também, em capítulo anterior, ficaram evidenciadas as relações entre esporte e sociedade, tanto em termos teóricos, como pela prática. Trabalhos de autores como Elias e Dunning (1992) e Ardoino e Brohm (1995), ainda que com pontos de vista distintos, fundamentaram a transferência de conhecimento entre os dois temas. A história do esporte ao longo do tempo mostrou questões religiosas, da organização do trabalho e de relações de poder que influenciaram as práticas corporais.

Ainda, no capítulo que antecede este, tratei de transformações e aspectos da sociedade nas últimas três décadas, e atribuí a designação de “contemporânea” a esta nova sociedade, em formação.

Estabelecido como objetivo desta tese apresentar a corrida de rua como um fenômeno sociocultural contemporâneo, cabe associar todas as discussões teóricas anteriores a uma ilustração. Como explica Maffesoli (2005), importante é a descrição fenomenológica, os sentimentos partilhados, o aspecto factual dos ambientes, a reverberação da memória coletiva, que vão assegurar ao fato comunitário o sentimento de pertença. Para a compreensão de um fenômeno da vida cotidiana não basta investigar suas causas ou apreciar sua finalidade puramente racional.

Assim, uma vez delimitado o objeto da discussão, justificada a sua inserção entre os fenômenos socioculturais, discutida uma identificação entre o período de crescimento das corridas e a era de formação de uma nova sociedade, expostas as características desta sociedade, é pertinente mostrar que, de fato, há uma sinergia entre a corrida de rua e a sociedade atual. Para a conclusão desta tese ficou definido o uso da Corrida Internacional de São Silvestre como evidência das discussões anteriores. Esta tradicional competição, realizada anualmente desde 1924, no dia 31 de dezembro, na cidade de São Paulo, que reuniu mais de 18.000 pessoas em sua 84ª edição consecutiva, em 2008, é o tema deste capítulo.

Caillat (1996) alerta para as contradições do esporte, que é simultaneamente diversidade e unidade. As corridas de rua em geral, a São Silvestre inclusive, reúnem num mesmo evento o esporte de alto nível e o esporte de massa, o atleta profissional e o atleta amador, o esporte para todos e o esporte espetáculo. A não ser quando mencionando expressamente, a discussão neste capítulo recai sobre comportamentos, atitudes e situações envolvendo corredores amadores, adeptos do esporte como forma de lazer, associado a saúde, distração, a grande maioria dos participantes da São Silvestre.

Mais uma vez, destaco que as características da sociedade não são compartimentos estanques. Cada um dos temas anteriormente discutidos, identidade, corpo, saúde, relações pessoais, feminismo, globalização, urbanização, tecnologia e empreendedorismo reflete em todos os demais. A decisão de isolá-los visa apenas organizar a apresentação, bastante ampla. Com o mesmo propósito, as análises da Corrida Internacional de São Silvestre estão apresentadas em subtítulos, na mesma ordem em que foram debatidos os aspectos socioculturais contemporâneos.

5.1. IDENTIDADE

Os inscritos na São Silvestre têm uma identidade partilhada, se usarmos a denominação de Hall (2005). Fazem parte de uma tribo na nomenclatura de Maffesoli (2004). São corredores de rua naquele momento. Pagaram, voluntariamente, para poder correr 15 quilômetros, com largada e chegada na avenida Paulista, na tarde de 31 de dezembro. A largada será simultânea, o percurso e as condições climáticas iguais para todos (20.000 pessoas em 2008).

Os trajes usados variam pouco. Devido ao calor do mês de dezembro a grande maioria estará de shorts, camiseta, boné e tênis.

A profissão, a idade, o estado civil, a capacidade econômica, a situação familiar, o gênero, o lugar de moradia fazem parte de outras identidades, irrelevantes para a competição. “A prática esportiva é um fim em si que se difunde pelo contato direto entre os praticantes” (GASPARINI, 2003, p.45).

Nos dias que antecedem a prova circulam pela cidade vários corredores, vindos de outras cidades e de outros Estados, facilmente identificáveis pelos demais membros da tribo. Apesar de não ser um hábito paulistano, vão a todos os lugares usando seus trajes de atleta, inclusive shorts. As camisetas sempre têm estampas ou da própria São Silvestre ou de outras corridas. Andam de boné e de tênis especiais para corredores. A garrafa de água faz parte da indumentária. Freqüentam o parque do Ibirapuera, um dos pólos de prática mais procurados de São Paulo. Gravitam ao redor da avenida Paulista. Cumprimentam uns aos outros, e o tema das conversas é um só: corridas, passadas, previstas e, sobretudo, a próxima. Família, trabalho, nada mais importa. Em resumo, abandonam suas outras identidades e

assumem aquela que motivou a viagem, são inscritos na Corrida Internacional de São Silvestre.

Na linha de largada a espera pode ser longa. Algumas das pessoas que vieram a São Paulo especialmente para participar da prova e também vários daqueles que moram longe da avenida Paulista ficam tão imbuídos da sua condição de partícipes do evento que se posicionam no local de início até 3 horas antes do horário marcado para a competição.

Juntos destes ficam aqueles que julgam possível obter um resultado de destaque. Acreditam que se prepararam bem e que as chances de vitória existem, desde que não tenham que enfrentar "trânsito", isto é, já saiam na frente dos demais concorrentes. Desconsideram a existência de atletas profissionais, que, com acompanhamento de treinadores, médicos, nutricionistas, desenvolvem atividades buscando o máximo rendimento e que, em circunstâncias anteriores, já demonstraram sua capacidade acima da média dos demais [28]. "Qualquer corredor pode ganhar", acreditam firmemente.

Também ao longo do percurso é possível verificar pessoas que escolheram, para aquele momento, a vivência como corredor de rua e abandonaram as demais. Muitos conversam, trocam impressões (mais uma vez, o tema é um só: corridas), apóiam o outro, incentivam, desejam sorte, dividem os copos de água oferecidos no caminho. Irrelevante o fato de não se conhecerem. São corredores de rua, são "iguais". Nestes encontros desponta uma nova identidade, a do ritmo de corrida. Quem está lado a lado, está desenvolvendo a mesma velocidade [29], deve acabar os

---

[28] Na largada da Corrida Internacional de São Silvestre saem na frente atletas ditos de elite, aqueles que, de acordo com critérios definidos pela organização do evento, são os melhores em atividade no Brasil. Para estes os procedimentos são especiais, diferentes das regras para os demais participantes.

[29] Corredores pedestres medem seu ritmo em minutos despendidos para percorrer cada quilometro. Falam em 6 minutos por quilômetro em lugar de 10 quilômetros por hora.

15 km em tempos semelhantes, mais uma referência comum que permite, inclusive, o relato e a comparação de feitos anteriores. A prova se torna uma manifestação do “orgiasmo”, a alegria do carpe-diem, segundo Maffesoli (2005).

Os exemplos acima podem ser considerados manifestações típicas da sociedade contemporânea. As pessoas têm diversas identidades, profissional, familiar, de gênero. Durante a competição todas elas são abandonas, por serem irrelevantes. A escolha recai sobre a identificação com os outros corredores, todos envolvidos com o feito esportivo. A prova material da identidade cada um recebe quando conclui o percurso: a medalha alusiva àquela edição do evento.

5.2. CORPO

O termo esporte designa práticas corporais ou atividades físicas associadas a questões filosóficas, como a competição, a busca de resultado, a quantificação de rendimento. Assim, não há dúvida de que esporte e corpo estão diretamente associados. E a corrida de rua, modalidade esportiva, não é exceção.

A musculatura deve ser resistente para o exercício prolongado, caso da Corrida Internacional de São Silvestre, que tem um recorde masculino superior a 40 minutos, exatos 43:12. Do ponto de vista da fisiologia, exercícios de duração superior a 2 minutos são considerados aeróbicos, dependem da disponibilidade de nutrientes do organismo e de oxigênio da respiração para a produção de energia (GUYTON, 1992). Isto é, para a corrida de 15 km não há um tipo físico ideal, não há um padrão de corpo determinante de resultado.

Do ponto de vista físico, a São Silvestre apresenta enorme diversidade. Altos, baixos, gordos, magros, fortes, fracos todos podem participar em condições de concluir o percurso. Um treino específico desenvolve as características necessárias para que os 15 km sejam cobertos no tempo máximo estabelecido pelos organizadores [30]. E, também, marca, ainda que temporariamente, o corpo de quem treina. "A corrida é um exercício que pode fortalecer os membros, desenvolver os pulmões, exercitar a vontade e promover a circulação do sangue", de acordo com artigo publicado na revista Scientific American em 1883 (NOAKES, 1991, p. ix).

São todos atletas, de acordo com Mandell (1999), inspiração para vidas mais felizes, pelo exemplo de seus movimentos e pela busca da superação de seus limites.

Quando discutem a função do corpo na sociedade contemporânea, Le Breton (2006), Ardoino e Brohm (1995) e Maffesoli (2004) apontam possibilidades distintas. O primeiro reforça o caráter de marcador de identidade. A postura, o modo de andar, a vestimenta, o uso de relógio e boné do corredor de rua o tornam inconfundível, ao menos entre seus pares.

Ardoino e Brohm (1995) afirmam ser o corpo que orienta as práticas e as realizações sociais. Efetivamente, a participação na São Silvestre consiste numa prática, social, onde o corpo tem papel preponderante, ainda que preparado e orientado pela razão.

Maffesoli (2004) diz que o corpo do homem contemporâneo deve estar pronto para a celebração, para a sucessão de momentos de festa da vida. A festa que é corrida de rua exige a presença e a movimentação contínua do corpo, para realizar o deslocamento de 15 km previsto.

---

[30] O regulamento da edição de 2008 da Corrida Internacional de São Silvestre informava que a duração máxima do evento seria 2:15:00s.

Assim, podemos dizer que os participantes da Corrida Internacional de São Silvestre superam a condição apontada por Mandell, para quem "os produtos mais importantes e bonitos do esporte moderno são os próprios participantes" [31] (MANDELL, 1999, p.302). Os corpos dos participantes da São Silvestre estão em total acordo com o que se espera do corpo na sociedade contemporânea. Permitem a escolha de uma celebração que reúne milhares de iguais, ainda que muito diferentes.

5.3. SAÚDE

O paradigma contemporâneo de saúde não envolve apenas as questões físicas. Está expressamente assinalada a necessidade de bem estar mental e social como componentes essenciais da saúde.

Os benefícios da corrida para a saúde física, mental e social já foram discutidos. Noakes (1991) selecionou um texto de Carroll, de 1981, que sintetiza estes aspectos.

> Correr é o caminho clássico para o autoconhecimento, a auto-observação e a autoconfiança. Independência é a característica que se destaca no corredor. Ele experimenta a cruel realidade das suas limitações físicas e mentais quando corre. Ele aprende que dedicação, sacrifício, dedicação e determinação pessoais são seus únicos meios para melhorar. Corredores são promovidos pelas próprias conquistas. [32] (NOAKES, 1991, p. xiv).

[31] Tradução da autora.
[32] Tradução da autora.

Se os ganhos mentais e sociais são inegáveis, há polêmica na sociedade sobre o bem estar físico. No entanto, a Organização Mundial de Saúde já elencou o sedentarismo como uma das principais causas de doenças na sociedade contemporânea. Um treinamento adequado, com aumento gradual de carga, compatível com a capacidade de adaptação de cada organismo ao esforço reduz o risco de lesões e do desenvolvimento de uma série de doenças metabólicas e do sistema circulatório entre corredores.

Os inscritos na Corrida Internacional de São Silvestre buscam uma situação que lhes proporciona condições adequadas para uma prática corporal de longa duração. Atravessam, por vontade própria, um trecho urbano de 15 km, normalmente tomado por carros, em data e horário especialmente designados para o uso exclusivo dos corredores de rua. Recebem água, apoio e incentivo da torcida e dos demais corredores ao longo do percurso. E na chegada são contemplados com um prêmio pelo feito, a medalha, exclusiva para aqueles que terminaram a prova, um atestado de reconhecimento da sociedade.

Para dirimir dúvidas a este respeito pode ser observada a participação dos portadores de necessidades especiais. Em 2008, 102 deles concluíram a São Silvestre. Classificados tecnicamente como amputados, cadeirantes, deficientes visuais, deficientes mentais, entre outras categorias, competem com os demais corredores, disputam posições, recebem aplausos especiais de parte da torcida e dos outros corredores. Sua opção pela participação é forte indicativo de que os ganhos compensam o esforço feito.

Lipovetsky (2004) aponta, além da saúde, a longevidade como uma preocupação da sociedade contemporânea. Realizada em São Paulo, cidade que considera idosas pessoas acima de 60 anos, a Corrida Internacional de São

Silvestre tem entre seus participantes quase 5 % de idosos. A tabela abaixo indica que entre corredores de longa distância a idade não é impeditiva para a atividade física.

Tabela 1 – Corrida Internacional de São Silvestre em 2008: participação de idosos

	Homens		Mulheres	
	No.	%	No.	%
Acima de 60 anos	831	5,8	99	3,7
Total	14.321	100	2.711	100

Elaborada a partir de dados de www.saosilvestre.com.br.

Isto significa que os participantes da São Silvestre são representantes dignos da sociedade contemporânea, marcada pela busca de bem estar físico, mental e social para uma vida longa sem incapacidades.

5.4. RELAÇÕES PESSOAIS

As relações pessoais passaram por transformações profundas nos últimos 30 anos. Vínculos considerados cruciais em épocas anteriores, como família e trabalho, perderam sua força. Em seu lugar, associações baseadas em interesses comuns, transitórios, escolhidos. Neste quadro surgem as relações entre corredores, laços que atendem a estes requisitos, que cumprem o papel de prover acolhimento e minimizar as angústias e a insegurança apontadas por Lipovetsky (2004) como características das pessoas ao final do século XX.

A base para as ligações entre corredores de longa distância é a prática cotidiana. O lugar dos treinos, os horários e o ritmo desenvolvido na atividade são determinantes para a formação de grupos. É a experiência vivida, são os hábitos semelhantes, que vão formar as tribos contemporâneas, segundo Maffesoli (2004), associações baseadas na ajuda mútua, nos sentimentos compartilhados, marcadas pelo afeto.

Assim, dentro de um grande grupo de corredores, temos muitas pequenas entidades. Em geral, pessoas que estabelecem uma mesma meta para o curto ou médio prazo se aproximam. Se a proposta de alguns é ter um bom desempenho em uma corrida como a São Silvestre, estes treinam juntos, com afinco, separados daqueles que vão apenas participar da prova, sem expectativa de resultado. Cumprida a meta, naturalmente o grupo se dissolve. Eventualmente se forma de novo, em torno de um novo objetivo, mas isto não é certo.

Corredores que têm uma rotina quanto a dias e horários de treino conhecem e estabelecem relações, até mesmo competitivas, com aqueles que compartilham os mesmos hábitos. Em grande número de ocasiões o contato é apenas visual. Em muitos casos, só os nomes ou apelidos são conhecidos. Endereço e telefone são informações irrelevantes. O encontro está previamente marcado.

Vários grupos são formados por pessoas que correm em um mesmo ritmo. Não há a formalização do critério de entrada, mas aqueles que são mais lentos não conseguem acompanhar os treinos e os mais rápidos se aborrecem por praticarem mais devagar do que poderiam. Reduções de ritmo são demonstrações de afeto que acontecem.

Estes grupos todos se encontram na Corrida Internacional de São Silvestre. E, ao longo dos 15 km da prova, outros laços, efêmeros, se formam. A solidariedade

impera. Na passagem pelos postos de distribuição de água, ao longo do percurso, se alguém não conseguir pegar um copo, logo encontrará outro participante que lhe ofereça um. Se um corredor resolver caminhar, ouvirá uma voz, desconhecida, muito provavelmente, dizendo para não parar. Para o final da prova, a subida da avenida Brigadeiro Luiz Antônio, que tem a reputação de ser um pesadelo, sempre existe um acompanhante.

Além destes corredores, amadores, que constituem a imensa maioria dos participantes, existem outras tribos. Os atletas de alto rendimento também estabelecem relações entre si, cientes de que seu sucesso depende da sua condição e do seu esforço, válidos somente se preservado o respeito pelo adversário e pelas regras técnicas e éticas. A cada competição corresponde um grupo diferente de corredores profissionais.

Também participam da corrida os torcedores, que ficam ao longo do percurso. Diferente de outras modalidades esportivas, nas corridas de longa distância ou se vê o princípio, ou o meio ou o fim. Na São Silvestre a platéia se distribui ao longo dos 15 km. Em alguns pontos do trajeto com casas, moradores esperam pelos corredores com esguichos de água, um alívio para o calor. Participantes que usam camisas de time de futebol sempre recebem saudações especiais de quem assiste a corrida.

Em resumo, como a sociedade contemporânea, na Corrida Internacional de São Silvestre atualmente se encontram várias pessoas, que estabelecem entre si relações efêmeras, baseadas em interesses convergentes momentâneos, marcadas pela solidariedade. Na década de 1970 um corredor que conversou com outro

durante a corrida foi advertido por um terceiro. Se continuasse a falar, teria pedida a sua desclassificação. [33]

5.5. FEMINISMO

A questão de gênero, ou mais exatamente, o papel da mulher alterou-se depois da segunda metade do século XX. As corridas de rua contemporâneas incorporaram as transformações da sociedade, também neste aspecto.

Nas maratonas a AAU, Amateur Athletics Union, órgão regulamentador do atletismo nos Estados Unidos, autorizou a participação feminina apenas em 1972. Neste mesmo ano os organizadores na corrida de New York decidiram que as mulheres deveriam começar a prova 10 minutos antes dos homens. Por não aceitarem a diferenciação, no momento em que foi dada a largada para elas, as mulheres se sentaram e esperaram o início da prova masculina para então correrem (NOAKES, 1991).

Em 1975, ano que foi consagrado como Ano Internacional da Mulher pela ONU, Organização das Nações Unidas, a São Silvestre, até então disputada só por homens, passou a admitir a inscrição e verificar a classificação de mulheres. Todos os atletas, independente de gênero, até então corriam juntos. Apenas o local da largada era distinto: mulheres iniciavam a corrida no mesmo horário, mas 50 metros à frente dos homens. Esta forma de participação durou até 1988 quando, lideradas pela corredora portuguesa Rosa Mota, campeã das edições de 1981, 1982, 1983,

[33] Relato de Júlio Deodoro, que conversava, em entrevista à autora.

1984, 1985 e 1986, as mulheres exigiram que fossem feitas duas provas diferentes. Alegavam que os homens ao longo do percurso as importunavam, com palavras e fisicamente, pois nem todos aceitavam ser ultrapassados por mulheres [34].

As duas condutas, em sentidos opostos, uma querendo evitar a segregação por gênero e a outra exigindo tratamento diferente para homens e mulheres refletem a discussão da sociedade. A reivindicação do feminismo era a emancipação, participação de forma conveniente, sem que estivesse claro como alcançar isto. O aumento acelerado do número de corredoras de rua é inegável.

Tabela 2 – Corrida Internacional de São Silvestre: crescimento da participação feminina de 1975 a 2005

Ano	Mulheres		Total de participantes	
	No.	Índice	No.	Índice
1975	12	100	242	100
1980	97	808	1.402	579
1985	264	2.200	2.186	903
1990	456	3.800	5.320	2.198
1995	559	4.658	7.758	3.206
2000	911	7.592	12.897	5.329
2005	1.821	15.175	13.421	5.546

Elaborada a partir de dados do jornal Gazeta Esportiva.

A separação oficial da Corrida Internacional de São Silvestre em duas provas, uma feminina e outra masculina, perdurou até a edição de 2006. De fato, poucas

[34] Relatado por Julio Deodoro em entrevista à autora.

mulheres fora do pelotão de elite corriam na prova a elas destinada. O horário de largada, próximo das 15 horas desde 1989, num período de calor bastante intenso, desestimulava as mulheres dispostas a correr, mas sem possibilidade de vitória, a participar da disputa feminina. Mais importante do que obter a classificação [35] era fazer parte da competição com amigos e conhecidos, em horário de menor desconforto climático, ainda que ouvindo impropérios de alguns poucos torcedores. No século XXI uma mulher correr a prova destinada aos homens não representava uma negação da sua feminilidade. Como na sociedade, a indiferenciação de gênero se fazia notar cada vez mais. Em 2006 vários homens resolveram se incorporar à prova feminina, com menos gente. Desde 2007 houve uma única largada para mulheres e homens. Em 2008 as mulheres representaram 16% dos 17.032 corredores que concluíram o percurso.

A São Silvestre, ao reunir todos os inscritos em uma única prova, repetiu o que acontece na grande maioria das corridas ao redor do mundo: a não ser para efeitos de classificação, não há padrão de conduta associada à questão de gênero.

5.6. GLOBALIZAÇÃO

Se denominamos globalização a intensificação de relações sociais que divulga, modela e dissemina práticas entre lugares distantes, podemos mencionar a Corrida Internacional de São Silvestre como um acontecimento global desde 1924. A prova nasceu depois que Casper Líbero, jornalista, esteve na França e assistiu a

[35] Os organizadores, em algumas edições, não divulgaram os resultados de mulheres que correram fora do horário da prova feminina.

uma corrida noturna. O dia da disputa, 31 de dezembro, é o dia de São Silvestre. Outras competições que acontecem no mesmo dia, em outras cidades, também são identificadas com o nome do santo e da prova brasileira. O adjetivo internacional foi incorporado em 1945, quando oficialmente participaram atletas da América do Sul. Desde 1947 na São Silvestre encontram-se corredores do mundo todo.

Para os participantes, em sua essência, as grandes provas, que reúnem milhares de atletas, são iguais, independente do lugar em que acontecem. Do ponto de vista técnico há pouca diferença entre elas. Cronometragem eletrônica, aferição de percurso, apoio médico, banheiros, guarda volumes seguem um mesmo padrão. Todas estas questões são tratadas no âmbito da AIMS – Association of International Marathons and Road Races, organização criada em 1982, quando a sociedade incorporava o termo para descrever suas características.

A transformação da corrida em um hábito cotidiano em vários lugares do mundo fez surgir competições. Os organizadores de maratonas, responsáveis por cada uma delas, viajavam para acompanhar os outros eventos e assim conhecer as boas práticas a fim de incorporá-las. Fundaram uma associação internacional de maratonas, com objetivo de encorajar e promover a corrida pelo mundo e estabelecer a troca de informação, conhecimento e experiência entre os responsáveis pelas provas. Acabaram por estabelecer padrões internacionais, adotados de forma generalizada, depois de divulgados, inicialmente, através da revista da instituição, criada em 1985. Desde 1987 a AIMS incorporou entre seus membros organizadores de corridas mais curtas que a maratona. A edição de 1989 da Corrida Internacional de São Silvestre recebeu a chancela da AIMS, isto é, foi reconhecida como uma prova que incorporava padrões técnicos definidos como

bons em termos mundiais. Entre as modificações introduzidas para atender a padrões internacionais está a definição de um percurso de 15 km, a partir de 1991[36].

Um corredor que participa da São Silvestre encontra condições técnicas semelhantes às de outras competições do mundo. Como em vários outros aspectos da vida contemporânea, as soluções satisfatórias para questões técnicas estão disseminadas.

5.7. URBANIZAÇÃO

A Corrida Internacional de São Silvestre é uma marca da cidade de São Paulo. Com 84 anos de existência é um dos acontecimentos mais tradicionais da metrópole. Seu traçado inclui uma série de pontos de referência, altares segundo Maffesoli. “Através dos pequenos rituais da vida cotidiana, assim como no que concerne aos grandes acontecimentos que pontuam a vida pública, sou de um mundo que compartilho com os outros” (MAFFESOLI, 2004, p. 64).

Para os corredores de rua moradores de São Paulo, ver o trânsito desviado para a “sua” corrida fortalece os laços com a cidade. Na largada a tensão pela espera e a aglomeração formada pelos quase 20.000 participantes de cada edição da São Silvestre não deixam que se preste muita atenção à paisagem. A travessia do centro da cidade, reconhecido como local de importância histórica, mas onde raramente se vai a passeio, sempre suscita emoções. A subida da avenida Brigadeiro Luiz Antônio, normalmente tomada por ônibus, carros e motos, ocupada

[36] Na década de 1980 a São Silvestre teve 8,9 km, 13,5 km, 12,6 km e 13 km em suas diferentes edições.

no dia da prova pelos milhares de corredores e pela torcida desperta sentimentos contraditórios. Tida como a parte mais difícil dos 15 km, onde se chega depois de 12 km, para uma subida íngreme, com a visão ampla do que se tem pela frente, é em princípio assustador. À medida em que se avança e se chega mais próximo do final, o sentimento de domínio do espaço cresce. A cidade deixa de ser hostil. A chegada na avenida Paulista é sempre apoteótica. Identificada como o retrato da cidade, reta, ampla, é o pano de fundo ideal para o sentimento de realização. Para os participantes da Corrida Internacional de São Silvestre o lugar ganha significado, o vínculo com o local se fortalece.

O ritmo da cidade de São Paulo é frenético, nunca para. Assim, corredores de rua normalmente treinam em parques ou na Cidade Universitária da USP. Mas, para a São Silvestre, a corrida da cidade, buscam uma preparação especial. Muitos realizam um simulacro da prova, isto é, cumprem o trajeto dias antes da competição. Nos domingos do mês de dezembro, de manhã, é fácil encontrar corredores no percurso. Prática curiosa, que não se repete para nenhuma outra disputa. A Corrida Internacional de São Silvestre é um altar na cidade, espaço de agregação de iniciados na corrida de longa distância, oportunidade de apropriação de lugares públicos.

Como na sociedade contemporânea, na corrida de rua lugares estabelecem vínculos. Durante muitos anos o ponto de encontro de participantes da São Silvestre foi o posto de gasolina situado na esquina da avenida Paulista com a rua Pamplona. Próximo à largada, local de passagem, de onde se podia acompanhar os últimos preparativos para a “festa”, era bastante conveniente. No meio do ano de 2005 o posto foi depredado em uma madrugada por torcedores de um time, parte das comemorações de uma vitória futebolística. Em 31 de dezembro cumpriu seu papel

pela última vez. Ao longo de 2006 ali foi instalado um novo estabelecimento comercial. Corredores continuaram a usá-lo como referência para encontros no dia da São Silvestre. Foi só ao chegarem lá a pé, para a corrida, que vários se deram conta da transformação, apesar de passarem pelo local com freqüência. Para motoristas era um lugar irrelevante. Estas mesmas pessoas, transformadas em corredores da São Silvestre ficaram surpresas pelo fim de uma área de reunião, essencial para a prova.

A grande metrópole, fenômeno contemporâneo, é formada por espaços de encontro, que geram vínculos com pessoas, fomentam relações sociais. Assim também é a Corrida Internacional de São Silvestre, que transforma a cidade de São Paulo para os corredores, que passam a ter uma relação mais próxima com o trajeto percorrido, com os lugares visitados.

5.8. TECNOLOGIA

Marca indiscutível dos últimos 30 anos do século XX é o avanço tecnológico. A São Silvestre, como a sociedade, incorporou transformações decorrentes da disponibilidade de tecnologia.

Criada por Casper Líbero, jornalista, idealizador da Gazeta Esportiva, a Corrida Internacional de São Silvestre sempre esteve na mídia, fosse ela jornal, rádio, televisão ou internet. A televisão, a “revolução na revolução” segundo Brünner (1999), acompanhou a prova desde 1970. Por 18 anos a TV Gazeta, do grupo jornalístico responsável pela prova, se incumbiu das transmissões. Neste período as

imagens da corrida eram intercaladas com cenas de comemoração do ano que começava. Afinal, desde 1924 o horário de largada era determinado para que o primeiro colocado chegasse junto do novo ano, isto é, em função da distância a ser percorrida e do ritmo esperado era dada a saída, de tal modo que o primeiro colocado chegasse à meia noite. Desde 1989 a São Silvestre passou a ser transmitida para todo o país pela Rede Globo. Foi neste mesmo ano que a disputa foi transferida para o período da tarde: largada às 17 horas. Na revolução contemporânea das comunicações a São Silvestre proveu a sociedade de entretenimento visual no seu tempo livre. E a sociedade aumentou seu conhecimento sobre a corrida de rua, uma vez que formam tribos, na acepção de Maffesoli (2004), diferentes os que assistem e os que praticam a corrida.

A forma de inscrição para a Corrida Internacional de São Silvestre também incorporou avanços tecnológicos da sociedade contemporânea. Até 1979, quando a prova reunia perto de 500 corredores, não havia necessidade de pagamento para participar. Em 1996, quando os interessados eram quase 8.000, as inscrições podiam ser feitas diretamente, no prédio da Gazeta, na avenida Paulista, ou por carta ou por fax. Nestes dois últimos casos os dados do corredor (nome, data de nascimento, sexo, endereço, telefone e clube ou equipe), junto de cópia do comprovante de depósito de R$ 20 no Bradesco deveriam ser encaminhados aos organizadores. Para a retirada do número de identificação, o corredor deveria apresentar o recibo de pagamento original. Em 2008 as inscrições, limitadas a 20.000, deveriam ser feitas exclusivamente pela Internet. O valor de R$ 70 poderia ser pago através de boleto bancário ou então via cartão de crédito.

Chips eletrônicos para o controle e armazenamento de dados fazem parte do cotidiano da sociedade e impactaram fortemente a corrida de rua. O controle de

chegada dos corredores até o final da década de 1990 era feito com relógios. Havia um fiscal da Federação Paulista de Atletismo com um cronômetro para marcar o tempo de prova de cada um dos primeiros colocados. Os demais corredores, ao final, deveriam se manter em fila, respeitando a ordem chegada. Seus números de inscrição eram então colocados em um espeto, enquanto fiscais anotavam os tempos de passagem. A lista de classificação era preparada pela associação do número do corredor ao tempo anotado. Avanço nesta época foi montar uma estrutura na chegada que comportasse 8 cronômetros e 8 espetos trabalhando simultaneamente. As relações de números e tempos associados que cada um preparava deveriam posteriormente ser reunidas e transformadas numa única lista para a classificação de todos os corredores. No meio dos anos 1990 a utilização de códigos de barras e leitoras ópticas veio agilizar a recepção dos corredores e reduziu os erros nos resultados.

No ano de 1999 a São Silvestre, além de começar a fazer inscrições pela Internet, passou a usar chips eletrônicos para apurar os resultados. O aumento de credibilidade foi muito grande. O chip, utilizado hoje em dia em todas as grandes corridas de longa distância, armazena informações como o nome, a idade, o gênero e tempo de passagem de cada corredor. Assim, as listagens de classificação são emitidas em prazos menores, com menos possibilidade de erros. Inicialmente os tapetes necessários para a leitura dos dados do chip eram colocados apenas na chegada. Hoje, são instalados tapetes na largada e ao final da prova. Os 20.000 inscritos na Corrida Internacional de São Silvestre não precisam atropelar outros competidores na saída. Seu chip marcará o seu tempo líquido, isto é, o tempo efetivamente gasto para percorrer os 15 km da prova. Automaticamente será desprezado o tempo gasto para chegar até a linha de largada. Uma grande

vantagem, se considerado que alguns corredores saíram 20 minutos depois dos primeiros.

A assimilação de todos estes avanços da tecnologia repercutiu fortemente no ânimo dos corredores. Num mundo em que a imagem estabelece vínculos sociais (MAFFESOLI, 2004), participar de um evento midiático como protagonista é interessante. Se o acontecimento for esportivo, seu valor aumenta. Mas as atividades esportivas que viram notícia e têm suas imagens divulgadas são aquelas que reúnem atletas de alto rendimento. A única exceção é a corrida de rua, que permite a participação de mais de 10.000 pessoas numa competição e que, portanto, não precisa selecionar os melhores. Reunir 20.000 sem o concurso da eletrônica nos chips e da internet nas inscrições seria uma tarefa de alto risco, dadas as possibilidades de erros. Com o aporte tecnológico a Corrida Internacional de São Silvestre preserva sua credibilidade e portanto seu valor.

5.9. EMPREENDEDORISMO

Se entre as marcas da sociedade contemporânea está a incerteza quanto às possibilidades de emprego (LIPOVETSKY, 2004) e o caminho alternativo é o comportamento empreendedor (HILLAIRET, 2002), a São Silvestre apresenta absoluta sintonia com estes tempos.

Desde o início da década de 1980 a São Silvestre passou por modificações que dependeram principalmente de empreendedores. A transformação da prova em um acontecimento de massa exigiu a aceitação de riscos e a coragem para a

experiência. O nível crescente de exigência por parte dos participantes foi atendido pela profissionalização dos serviços envolvidos. Com o crescimento da Corrida Internacional de São Silvestre e o aparecimento de outras corridas na cidade e no mundo, surgiram os organizadores de provas, que, através da troca de informações e experiências estabeleceram paradigmas para a reunião de milhares de corredores, concentrados num mesmo lugar e horário.

Ao longo dos 15 km, 20.000 pessoas consomem milhares de copos de água oferecidos pelos responsáveis pela competição, através de auxiliares. Os corredores bebem a água e deixam os copos vazios pelo caminho. Geralmente quem distribuiu os recolhe para que o percurso esteja limpo ao ser devolvido aos seus usuários habituais.

Fiscais acompanham a passagem dos atletas para eventualmente tomar providências. Ficam atentos para ocorrências no trajeto, como um buraco na rua, um bueiro destampado, a necessidade de atendimento médico para um participante.

A São Silvestre tem um serviço de guarda de pequenos volumes para os participantes. Muitas pessoas trazem roupas para que possam tirar a roupa molhada pelo suor ao final da prova. A recepção e, especialmente a devolução dos volumes deve ser feita rapidamente, para a liberação do espaço público e para minimizar o desconforto dos atletas cansados pelo esforço.

Ambulantes encontram milhares de consumidores para isotônicos, água e alguns refrigerantes entre os corredores e sua torcida.

Outra oportunidade de serviço oferecida pela Corrida Internacional de São Silvestre é a fotografia. Fotógrafos com suas câmaras tecnológicas se postam ao longo do trajeto e tiram fotografias de todos os que passam. Ao final da prova disponibilizam estas fotos para compra através da internet. A identificação é feita

pelo número do corredor, que pode escolher as fotos, pagá-las e recebê-las sem sair da cadeira.

Em resumo, a São Silvestre oferece aos corredores uma enorme gama de serviços e, conseqüentemente, espaço para empreendedores, que não precisam fazer investimentos vultosos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese busca subsidiar a compreensão da corrida de rua e seu crescimento em anos recentes. Prática corporal milenar, a corrida é hoje atividade de milhões de pessoas, no mundo todo, com características específicas.

A corrida de rua exige treinamento contínuo e freqüente, isto é, tempo e dedicação superiores a outras práticas esportivas lúdicas. Muitas competições, momento de avaliação e autoconhecimento de cada corredor, reúnem milhares de pessoas. Participam de um mesmo evento, muitas vezes, mais de 10.000 protagonistas. É necessário o uso de espaços públicos tanto para os treinos como para as provas. Assim, é assunto da mídia, objeto de polêmica entre os adeptos e os não praticantes, tema de pesquisas, fonte de ganhos econômicos. Isto é, um tema do cotidiano da sociedade, objeto digno de investigação científica.

A primeira tarefa foi identificar o fenômeno, seus participantes, sua abrangência. Depois, compreender sua inserção histórica. A constatação da existência da corrida de rua nos moldes atuais há apenas 30 anos levou à análise da sociedade neste mesmo período.

Mas, o mais importante foi verificar a compatibilidade entre esta sociedade e a prática esportiva objeto de trabalho. De forma a poder analisar efetivamente os laços entre a corrida de rua e sociedade contemporânea, foi escolhida a Corrida Internacional de São Silvestre como objeto de estudo. A definição não foi aleatória.

A São Silvestre é uma das provas mais antigas do mundo. Criada em 1924, por Cásper Líbero, inspirado numa prova noturna realizada na França, atravessou o século XX incorporando uma série de alterações. Inicialmente recebia apenas atletas

brasileiros, aceitou estrangeiros desde 1945, foi palco para os melhores corredores do mundo, como Emil Zatopek, Gaston Roelants, Frank Shorter, Victor Mora, Carlos Lopes, Paul Tergat, José João da Silva, Ronaldo da Costa, Marilson Gomes dos Santos, Vanderlei Cordeiro de Lima, Christa Valensieck, Rosa Mota, Derartu Tulu. A prova foi exclusivamente masculina, aceitou mulheres, segregou homens e mulheres e desde 2007 reuniu todos novamente. O trajeto, a distância a ser percorrida, o horário foram variáveis até 1991. Desde então, 15 km, no final da tarde, com descida da avenida da Consolação, subida da avenida Brigadeiro Luiz Antonio e chegada na avenida Paulista é a tarefa de cada corredor. Até o início da década de 1980, recebia a todos os que quisessem correr. Implantou provas seletivas de corredores por alguns anos. Nas suas últimas edições, as 20.000 inscrições disponíveis a cada ano se esgotaram mais de um mês antes do evento.

Muitas destas modificações aconteceram nos últimos 30 anos. E, conforme apontado no capítulo “A Corrida Internacional de São Silvestre e a sociedade contemporânea”, estão afeitas ao processo de transformações em andamento. Com duas linhas centrais, a formação de identidade e a globalização, as novas formas de ver o corpo, de estabelecer relações pessoais, de tratar a questão de gênero, de definir saúde, de incorporar tecnologia, de estabelecer vínculos com o local e ter atividade econômica, enfim, os anseios da sociedade são contemplados pela forma presente da Corrida Internacional de São Silvestre.

Entendo a Corrida Internacional de São Silvestre como parâmetro para a compreensão do fenômeno das corridas de rua no Brasil e no mundo, uma vez que todas elas reúnem atletas profissionais e também uma enorme quantidade de corredores anônimos, que garantem a agitação, o brilho e o entusiasmo da competição. Não desconsidero características locais de cada prova, pois apesar de

incorporarem as boas práticas de forma generalizada, o aspecto urbano está sempre presente. A impossibilidade do confinamento dos corredores de rua torna inevitável o contato com a paisagem urbana disponível.

Ao mesmo tempo em que os participantes da São Silvestre estabelecem laços de identidade, preservam sua individualidade, pelo modo de vestir, pela maneira de correr, pelos acessórios que utilizam. Como nas grandes provas do mundo, mulheres e homens compartilham o espaço numa relação afetuosa, marcada pelos avanços tecnológicos, apesar dos cenários diferentes. A corrida de rua é um fenômeno sociocultural contemporâneo.

Este trabalho tem como referência os corredores de rua amadores. Questões como a visão do atleta profissional e as características do evento não foram tratadas. Certamente merecerão atenção de pesquisadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINO, G. **Vencer ou morrer:** futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. 272 p.

ARDOINO, J.; BROHM, J. Repères et jalons pour une intelligence critique du phénomène sportif contemporain. In BAILLETTE, F.; BROHM, J. (orgs.) **Critique de la modernité sportive.** Paris: Les Éditions de la Passion, 1995. p. 45 – 75. (Quel corps?)

ARENDT, H. A crise na educação. In: **Entre o passado e o futuro.** 3ª. reimpressão da 5ª. edição. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 221 – 247.

BÉLANGER, M. **Le droit international de la santé par les textes.** Paris: Berger-Levrault, 1989. 470 p.

BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Brasiliense, 1996. p 197 – 221.

BOMPA, T.O. **Periodização:** teoria e metodologia do treinamento. São Paulo: Phorte Editora, 2002. 425 p.

BRACHT, V. **Sociologia Crítica do Esporte:** uma introdução. Vitória: UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1997. 130 p.

BROHM, J. La Théorie critique de l'institution sportive. In BAILLETTE, F.; BROHM, J. (orgs.) **Critique de la modernité sportive.** Paris: Les Éditions de la Passion, 1995. p. 77 – 104. (Quel corps?)

_____. **La Tyrannie sportive:** Théorie critique d'um opium du peuple. Paris: Beauchesne Éditeur, 2006. 244 p.

BRUNNER, J. J. **Globalización cultural y posmodernidad.** 1ª reimpressão. Santiago: Fondo de Cultura Econômica, 1999. 257 p.

CAILLAT, M. **Sport et civilisation:** histoire et critique d'un phénomène social de masse. Paris: L'Harmattan, 1996. 120 p.

CARDOSO, M. **Os arquivos das olimpíadas.** São Paulo: Editora Panda, 2000. 696 p.

CHARTIER, R. Le sport ou la libération contrôlée des émotions. In ELIAS, N.; DUNNING, E. **Sport et civilisation: la violence maîtrisée.** Paris: Fayard, 1994. p. 7 - 24.

CHIAVENATO, I. **Os novos paradigmas:** como as mudanças estão mexendo com as empresas. 3ª. Edição. São Paulo: Atlas, 2000. 322 p.

COOPER, K. **O programa aeróbico para o bem-estar total:** exercícios – dietas – equilíbrio emocional. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1985. 318 p.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo.** 10ª edição. Campinas: Papirus, 2005. 104 p.

ELIAS,N.; DUNNING, E. **A busca da excitação.** Lisboa: Difel, 1992. 421 p.

FRIEDMAN, T. **O mundo é plano:** uma breve história do século XXI. 2ª edição. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. 557 p.

GASPARINI, W. (coord.) **L'organisation sportive.** Paris: Éditions Revue, 2003. 128 p.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade.** São Paulo: Editora UNESP, 1991. 177 p.

GOELLNER, S. Carruagens de fogo. In MELO, V.; PERES, F. (orgs.) **O esporte vai ao cinema.** 1ª. Edição. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2005. p. 65 – 73.

GUYTON, A. Tratado de Fisiologia Médica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1992. 864 p.

HACHE, F. **Jeux Olympiques:** la flamme de l'exploit. Gallimard, 2000. 160 p.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10ª. Edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 102 p.

HARGREAVES, J. **Sport, Power and Culture.** Reimpressão. Cambridge: Polity Press, 1987. 258 p.

HILLAIRET, D. **Economie du sport et entrepreneuriat.** Paris: L'Harmatan, 2002. 310 p.

HOBSBAWN, E. **Era dos Extremos:** o breve século XX: 1914 -1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 598 p.

_____, E. **O novo século:** entrevista a Antonio Polito. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 196 p.

_____, E. **Globalização, democracia e terrorismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 182 p.

_____, E. A produção em massa de tradições: Europa, 1879 a 1914. In HOBSBAWN, E.; RANGER, T. (orgs.) **A invenção das tradições.** 4ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2006. p. 271 - 316.

JUDT, T. **Pós-guerra:** uma história da Europa desde 1945. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. 847 p.

KLEIN, M.A. O Brasil e seus desafios rumo à modernidade dos eventos esportivos. In RUBIO, K. (org.) **Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 47 - 62.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo.** Petrópolis: Vozes, 2006. 102 p.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos.** São Paulo: Editora Barcarolla, 2004. 130 p.

LUNZENFICHTER, A. **De Marathon au marathon.** 2ª edição. Biarritz: Atlântica, 2003. 258 p.

MAFFESOLI, M. **Notas sobre a pós-modernidade:** o lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2004. 116 p.

_____, M. **A sombra de Dionísio:** contribuição a uma sociologia da orgia. 2ª edição. São Paulo: Zouk, 2005. 160 p.

MANDELL, R. **Sport:** a cultural history. Surrey: Columbia University Press, 1999. 340 p.

MARCELLINO, N. **Para tirar os pés do chão:** corrida e associativismo. São Paulo: Hucitec, 1999. 120 p.

MIRAGAYA, A. As mulheres nos jogos olímpicos participação e inclusão social. In RUBIO, K. (org.) **Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 229 - 246.

MOTTA, F. P. **Teoria Geral da Administração:** uma introdução. 22ª. edição. São Paulo: Pioneira, 1998. 230 p.

NOAKES, T. **Lore of running.** 3ª edição. Champaign: Leisure Press, 1991. 804 p.

PRONI, M.; LUCENA, R. (0rgs.). **Esporte:** história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002. 250 p.

REIN, I.; KOTLER, P.; SHIELDS, B. **Marketing esportivo:** a reinvenção do esporte na busca de torcedores. Porto Alegre: Bookman, 2008. 360 p.

RUBIO, K. **O Atleta e o Mito do Herói:** O imaginário esportivo contemporâneo. 2ª edição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. 226 p.

WEINECK, J. **Atividade Física e Esporte:** para quê? Barueri: Manole, 2003. 254 p.

YALOURIS, N. **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga:** Olímpia antiga e os Jogos Olímpicos (Superv.). Tradução Luiz Alberto Machado Cabral. 1ª edição. São Paulo: Odysseus Editora, 2004. 334 p.

AIMS 1982 – 2007: 25 Years of Running History. The Official Silver Jubilee Publication of the Association of International Marathons and Road Races. 66 p.

São Silvestre, as últimas semanas. **Contra-relógio**, São Paulo, 39, p. 8, dezembro 1996.

No esporte como na política: ex-candidato à presidência do México espanta Berlim. **Piauí**, São Paulo, 14, p. 7, novembro 2007.

Made in China. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 9 de agosto de 2008. Pequim 2008, p. D8.

SP quer datas exclusivas para provas preferidas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 de dezembro de 2008, p. D3.

WEB SITES UTILIZADOS

www.iaaf.org, consultado em 26 de agosto de 2007

www.chicagomarathon.com, consultado em 14 de outubro de 2007

www.saosilvestre.com.br, consultado em 25 de janeiro de 2008

www.nycmarathon.org, consultado em 25 de janeiro de 2008 e em 3 de outubro de 2008

www.parismarathon.com, consultado em 25 de janeiro de 2008 e em 3 de outubro de 2008

www.aims-association.org, consultado em 27 de janeiro de 2008

www.bbc.co.uk, consultado em 9 de agosto de 2008

www.guardian.co.uk, consultado em 27 de setembro de 2008

www.bostonmarathon.org, consultado em 2 de outubro de 2008

www.real-berlin-marathon.com, consultado em 3 de outubro de 2008

www.stramilano.it, consultado em 14 de outubro de 2008

www.kosicemarathon.com, consultado em 14 de outubro de 2008

www.cbat.org.br, consultado em 25 de novembro de 2008

www.nyrr.org, consultado em 25 de novembro de 2008